

Sérgio Farias de Albuquerque

**SALMA**

# Cicloviagem de Aventura



## Salvador a Maceió de Bicicleta

## Sumário

Apresentação.....	3
O começo da aventura .....	4
Nosso grupo.....	7
A bicicleta e os acessórios .....	10
Eletrônicos .....	11
Artigos de higiene pessoal, de proteção ao corpo e diversos.....	11
Indumentária .....	12
O Caixa Único.....	12
Rumo a Salvador.....	12
Salvador .....	13
Dia 1 - 12 de março Salvador - Praia do Forte.....	18
Dia 2 - 13 de março Praia do Forte - Subaúma.....	28
Dia 3 – 14 de março Subaúma - Barra do Itariri .....	40
Dia 4 – 15 de março Barra do Itariri - Mangue Seco .....	46
Dia 5 – 16 de março Mangue Seco .....	58
Dia 6 – 17 de março Mangue Seco - Aracaju.....	61
Dia 7 – 18 de março Aracaju.....	70
Dia 8 – 19 de março Aracaju - Pirambu .....	73
Dia 9 – 20 de março Pirambu - Pontal do Peba.....	82
Dia 10 – 21 de março Pontal do Peba .....	91
Dia 11 – 22 de março Pontal do Peba – Lagoa do Pau .....	95
Dia 12 – 23 de março Lagoa do Pau - Maceió .....	103
Os números da cicloturagem.....	111

## Apresentação

Somos um grupo de ciclistas que mora na capital de Pindorama, apaixonados por passeios de camelo, como as bicicletas são chamadas em Brasília. Fazemos parte do Pedal Noturno DF, grupo que organiza e faz passeios noturnos pela cidade e ensina como andar com segurança no trânsito, seguindo corretamente as leis e as regras estabelecidas e, principalmente, respeitando o próximo.

Conduzimos, pelas ruas da capital, grupos que chegam a ter mais de 30 pessoas, por distâncias que variam entre 20 e 50 quilômetros, e que passam por monumentos da cidade, quadras e superquadras onde residem as pessoas, parques e orla do lago Paranoá. Somos basicamente um grupo de convivência, que persegue o ideal da civilidade e comunga da sensação de liberdade que um passeio de bicicleta pode proporcionar.

Veza por outra, os responsáveis pelo grupo se reúnem para planejar e realizar uma viagem de bicicleta por esse Brasil afora; algumas já foram feitas ao longo dos últimos 13 anos de existência do Pedal Noturno DF. No segundo semestre de 2017, parte do grupo havia decidido fazer mais uma, e aqui é apresentado o relato dessa viagem, que ocorreu em março de 2018.

Quem sabe você leitor, que não participou da viagem, possa ser estimulado a enfrentar os desafios de uma aventura de bicicleta por este imenso país, cheio de contrastes?

E para nós, participantes da aventura, quem sabe nos encontraremos numa próxima, já que vivemos juntos momentos tão especiais e prazerosos e que a nossa convivência criou laços de amizade e de respeito que nos estimulam a participar de outras aventuras?



## O começo da aventura

Qual é o exato instante que marca o início de uma aventura? Para uns, talvez comece logo ao fim da aventura anterior. Para outros, talvez comece ao receber o convite para participar da próxima. Mas, para todos, há aquele dia quando, pela primeira vez, o grupo se reúne para planejar a cicloturagem de aventura.

Chamamos cicloturagem porque é uma viagem de bicicleta e aventura porque faz parte do contexto admitir que certas situações possam sair do controle, ou que certas situações novas possam vir a ocorrer, sendo que todas elas precisarão ser tratadas, de alguma forma, com algum grau de improviso e, principalmente, com o apoio, a compreensão e a cooperação dos participantes.

Um exemplo: a busca por pousadas e hotéis ocorre no momento da chegada do grupo de ciclistas a uma localidade. Temos opções de estada conhecidas, mas estamos sujeitos a encontrar vagas ou não e, caso não encontremos, temos que encontrar soluções rápidas, que podem incluir dormir ao relento, pedir pousada aos habitantes locais — hablocs, como são conhecidos por aqueles que já fizeram a aventura — ou pegar o caminho para outra localidade, mesmo com o tempo escuro.

A primeira vez em que nos reunimos foi em outubro de 2017. Um encontro com pizza e refrigerantes para um grupo de 11 pessoas. O percurso da cicloturagem fora decidido anteriormente e todos já sabíamos: SALMA – Salvador a Maceió.

A data da viagem ainda não estava certa, mas aconteceria em março de 2018. Percorreríamos cerca de 700 quilômetros pelo litoral nordestino em aproximadamente 13 dias, por rodovias asfaltadas, areia da praia, estradas de paralelepípedo e trilhas de terra. Atravessaríamos rios sobre pontes ou sobre balsas e empurraríamos as bicicletas em trechos onde não fosse possível pedalar, como subida de ribanceiras e areia fofa de praia.

O participante precisa estar muito bem preparado fisicamente para uma cicloturagem de aventura. Precisa saber acatar orientações e precisa agir cooperativamente em todos os momentos. Precisa se relacionar bem com o próximo, saber a hora certa de iniciar e encerrar uma brincadeira, para não constranger o outro. Precisa saber lidar com a delicadeza e com a indelicadeza. Precisa ser resiliente; assimilar situações de pressão sem perder a calma, ou causar ruptura no grupo.

Além disso, a pessoa precisa ser disciplinada quanto ao cumprimento de horário e ser econômica, mas muito econômico, com relação aos trajes que vai usar. Precisa saber evitar entrar em conflito com um colega de aventura, ou com as pessoas dos lugares por onde vai passar. Precisa aceitar que não há problema algum ficar

poucos dias sem comer ou dormir direito, sem tomar um bom banho de chuveiro de água quente, sabonete e shampoo, sem usar maquiagem e esmalte nas unhas.

Ademais, precisa ter uma bicicleta em acordo com as exigências do trajeto e um pouco de dinheiro para bancar alimentação, estada e outras despesas pequenas que venham a surgir. Essas características foram expostas pelos mais experientes, aqueles que já haviam feito cicloturagens de aventura anteriormente, e debatidas por todos.

Nas reuniões seguintes, sempre acompanhadas de boa conversa, comida e bebida, combinamos como seria a indumentária (uniformes de ciclista e vestimenta necessária e suficiente para a viagem), qual seria a data da partida de Brasília para Salvador, o local e a data da partida em Salvador, quais seriam os locais de nossas estadas e os valores em espécie para gastos com alimentação, farmácia e outros. Definimos como seriam as bicicletas e os seus acessórios e falamos da necessidade de que ao menos um do grupo fizesse um treinamento em mecânica de bicicleta. Definimos, também, o valor a ser depositado em um fundo (caixa único) para o gasto com coisas que seriam de uso comum, como travessia de rios em barcas, alimentação e remédios.

Decidiu-se que os conjuntos de uniforme de ciclista, com camisas, calças, shorts e macaquinhos para as mulheres, seriam confeccionados especialmente para a nossa viagem, estampadas com motivos que lembram a região pela qual passaríamos, como coqueiros e ondas do mar. Na frente das camisas, em letras pequenas, e nas costas, em letras grandes, o texto: “SALMA – Salvador – Maceió 2018”. Na gola, as bandeiras do Brasil e do Distrito Federal e, na manga esquerda, a logomarca do Pedal Noturno DF e as bandeiras da Bahia e de Alagoas. Também escolhemos confeccionar uma camisa para ser usada na nossa viagem de avião de Brasília para Salvador.



Dois de nossos colegas precisaram desistir da viagem por motivos estritamente pessoais. Seríamos então 9 os aventureiros, distribuídos em equipes com

funções bem definidas, sendo que cada um de nós poderia exercer mais de uma função.

*Diretoria de Percurso:* líder e responsável maior pelo grupo, planejador do trajeto e condutor do pelotão (puxador do pelote) e comandante dos *briefings*.

*Diretoria de Mecânica:* responsável pelo conserto das bicicletas, como troca de pneus, apertos de parafusos, encaixe de correntes e outras coisas possíveis de serem feitas com as ferramentas e acessórios que levaríamos.

*Diretoria de Pousada:* responsável por encontrar os locais mais adequados para a nossa estada e negociar preços e condições de pagamento.

*Diretoria do Caixa Único (CU):* responsável pelos pagamentos de pequenas despesas comum e negociação de valores de travessias em barcos para todo o grupo, com o montante previamente arrecadado pelos participantes da cicloturagem.

*Diretoria de Saúde:* responsável por levar alguns medicamentos e com habilidades e conhecimentos na área de saúde.

*Diretoria de Alvorada:* responsável por nos despertar.

*Diretoria do Diário:* responsável por relatar a viagem.

*Equipe das bicicletas:* responsável pela lavagem e pela lubrificação das bicicletas. Metade do grupo deve compor essa equipe.

*Equipe da lavanderia:* responsável lavagem das roupas e calçados. Outra metade do grupo deve compor essa equipe.

*Equipe do café da manhã:* responsável por comprar os ingredientes e preparar o café da manhã nos locais onde a primeira refeição do dia não estivesse inclusa na hospedagem.

*Cozinha:* responsável por fechar o pelote e comunicar ao puxador, via rádio, sobre a necessidade de acelerar ou reduzir o passo da pedalada, de parar por motivo de algum incidente, entre outros fatos que precisam ser do conhecimento do líder.

## Nosso grupo

Nós, os aventureiros do SALMA:

Fernando (Ômega) Pimenta – nosso líder e Diretor de Percurso, o mais experiente em ciclovias de aventura – esta foi a sua nona.



Mymi Leite – Diretora do Caixa único (CU), assistente da Diretora-assistente de Mecânica, para assuntos de pneus furados, e da equipe de lavanderia – esta foi a sua quarta cicloturagem de aventura.



Franz Machado – da Diretoria de Mecânica e equipe das bicicletas - esta foi a sua primeira cicloturagem de aventura.



Mônica Roman – da Diretoria de Pousada e equipe de lavanderia - esta foi a sua primeira cicloturagem de aventura.



Mahêva Campos - das equipes de lavanderia e do café da manhã, e se auto-intitulou também como “Diretora de Oração e Entretenimento” - esta foi a sua terceira cicloturagem de aventura.



Cássia Ribeiro – da Diretoria de Pousada e equipe de lavanderia - esta foi a sua segunda cicloturagem de aventura.



Sandra Faustino - nossa enfermeira, integrante da Diretoria de Saúde e equipes do café da manhã e lavanderia - esta foi a sua primeira cicloturagem de aventura.



Alda Brasil – Nossa Diretora de Alvorada e da equipe das bicicletas - esta foi a sua terceira cicloturagem de aventura.



Sérgio Albuquerque – Nosso Diretor de Diário e da equipe das bicicletas e, posteriormente, integrante também da Diretoria de Pousada - esta foi a sua primeira cicloturagem de aventura.



## A bicicleta e os acessórios

A bicicleta é o principal equipamento da cicloturagem de aventura. Precisa ser resistente, do tipo mountain bike, com freios V-Brake e garupa. É fundamental que tivesse pezinho e que fosse aro 26, mesmo para os mais altos ou mais baixos.



Além disso, seria necessário ter marcha e, preferencialmente, mais de uma coroa. Os pneus poderiam ser do tipo praieiro, BMX ou cross country. O selim deveria ser tal que conseguisse amortecer ao máximo os solavancos de uma bicicleta que andaria boas distâncias sobre as costelas de uma estrada de terra. Nada de selim de couro ou de material muito duro em contato direto com o corpo.

As rodas deveriam possuir eixos com blocagem para facilitar as trocas e o movimento central deveria ser selado para evitar entrada da areia fina que pode

causar desgaste rápido das engrenagens. A corrente deveria ter uma emenda de elo. Seria necessário instalar luzes de sinalização tanto na dianteira (brancas), quanto na traseira da bicicleta (vermelhas). Seria necessário um bom farolete para guiar o ciclista no escuro. Recomendável a instalação de um suspensão dianteira.

Não seria preciso uma bicicleta de última geração, com material leve e resistente, como fibra de carbono. Poderia ser uma bicicleta bem rústica, feita com barras de ferro mesmo.

As peças sobressalentes fundamentais: duas câmaras de ar para cada bicicleta, dois pneus para o grupo todo, uma corrente com emenda de elo e dez raios para cada bicicleta.

Ademais, outros acessórios seriam necessários: espátulas para retirar o pneu do aro (três seriam o ideal), um manchão de borracha (corte de um pedaço de um pneu), remendos para câmara de ar e cola, um alicate comum, um alicate tipo torquês pequeno, para retirar farpas dos pneus, jogo de chaves allen, jogo de chaves de fenda, jogo de chaves de boca, alforjes para serem montados sobre a garupa, bolsa para o selim, suporte para bomba de ar e bomba de ar com adaptadores para os diferentes tipos de bico, máquina de limpar corrente (uma para o grupo todo), escova para limpar engrenagens, bucha resistente para limpar as bicicletas, tampinhas sobressalentes para os bicos dos pneus, garrafinhas de água (ao menos uma por bicicleta) e suporte para elas, espelho retrovisor, apitos estridentes, esticadores para prender alforjes, outros tipos de mochila e apetrechos às bicicletas e bandeirolas para servirem de referência penduradas em hastes amarradas na traseira de algumas bicicletas.

## Eletrônicos

Os nossos celulares e seus carregadores, pilhas para a alimentação dos faróis e das luzes de sinalização e seus carregadores. Ao menos uma bicicleta dotada de um bom computador, com GPS, navegação curva a curva, controle de rotas, odômetro, altímetro e velocímetro.

## Artigos de higiene pessoal, de proteção ao corpo e diversos

É importante que os artigos de higiene pessoal e proteção coubessem todos em um pequeno nécessaire. Algo como: um sabonete para banho, uma pasta de dente, escova de dente, pente e escova de cabelo, vidrinhos para shampoo e cremes em geral, protetor solar, protetor labial e desodorante. Cada um levaria um kit de

remédios com: antisséptico, antigripal, antiácido, creme para assadura e analgésico. A nossa Diretora de Saúde levaria um kit de primeiros socorros para servir ao grupo todo com: algodão, esparadrapo, gaze, tesoura e álcool. Cada um levaria ainda: uma caixa de fósforos ou isqueiro, um tubo de cola tipo super bonder, uma pinça e palitos de dente, muito úteis para marcar os furos nas câmaras de ar.

## Indumentária

Além de dois conjuntos completos de uniforme de ciclista, composto por calças, shorts e camisas, ou macaquinhos (para as mulheres), o mínimo recomendado para nossa viagem foi: dois pares de meia grossa, um par de tênis, um par de chinelos, um par de sapato casual para um social nos locais de estada, maiô ou biquíni e calção de banho, duas bermudas, quatro blusas ou camisetas, uma calça comprida, um cinto, três cuecas ou calcinhas, óculos especiais para bicicleta e luvas de ciclista, um capacete e um boné (boné com protetor para o pescoço, tipo legionário, é o ideal).

Seria preciso que tudo coubesse nos alforjes, junto com os artigos de higiene pessoal e proteção ao corpo e com os equipamentos das bicicletas.

## O Caixa Único

O pagamento de cada membro do grupo pela viagem compunha o nosso caixa único (CU), que, para nós, se apresentava como uma pequenina bolsa de tecido com fecho eclair. Um de nós seria o responsável pelo controle do fluxo de caixa.

Com o dinheiro do CU, faríamos as compras de parte dos alimentos consumidos pelo grupo nas paradas para descanso e recarga das energias. Ele também serviria para cobrir outras pequenas despesas de viagem, por exemplo, o pagamento da travessia dos rios.

## Rumo a Salvador

Dias antes da data da partida para Salvador recebemos e experimentamos nossos uniformes de ciclista e nossa camiseta de viagem. Cada um de nós havia ficado responsável pela preparação e pela revisão da própria bicicleta, que deveria ficar pronta até a data da embalagem para colocação nos porões do avião.

Embalar a bicicleta não é tarefa simples, não. São necessárias ao menos duas pessoas para passar um filme plástico (liso ou bolha) ao redor de toda a extensão da bicicleta, que já deve estar sem o pneu dianteiro, sem o selim, sem os pedais e com o guidão da frente preso paralelo ao quadro. O pneu retirado da frente, o selim e os pedais são amarrados ao centro do quadro da bicicleta com esticadores ou barbantes.

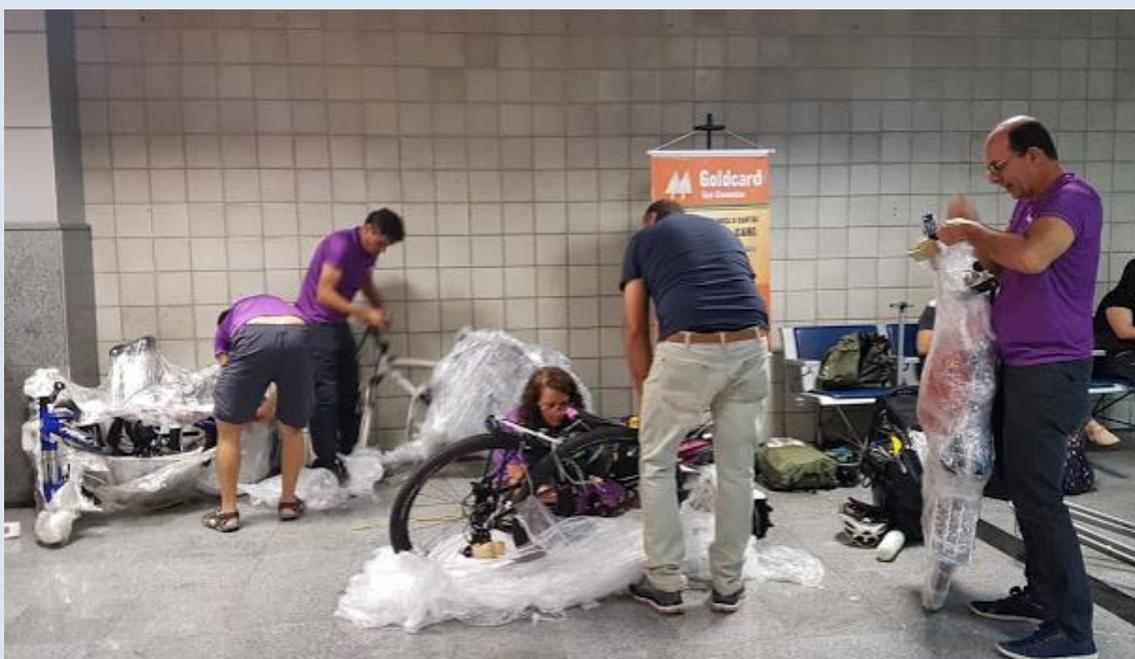
Uma bolsa ou mochila com diversos apetrechos pode ser atada ao quadro pelo lado oposto ao do pneu. São dadas voltas e mais voltas do filme ao redor da bicicleta e depois o invólucro é atado com metros e metros de fita durex grossa e transparente. O resultado final é um tanto esquisito, lembra uma múmia.

Marcamos o dia para as embalagens das bicicletas e os mais experientes no assunto foram auxiliar os demais a realizar a difícil tarefa.

Íríamos a Salvador em dois grupos separados. O primeiro grupo chegaria no dia 9 de março e o segundo no dia 10. Dia 12 de março iniciáramos a nossa cicloturagem de aventura.

## Salvador

O primeiro grupo chegou a Salvador na tarde do dia 9 de março. As bicicletas foram recebidas ao lado das esteiras de bagagem e, de imediato, foi necessário encontrar um espaço para montá-las — uma operação pouco complexa de desembalar, montar o pneu dianteiro e o selim, apertar os parafusos do guidão e encher os pneus.



No momento seguinte, houve a troca das roupas da viagem pelas de ciclista e a montagem dos alforjes nas garupas. Cerca de quarenta minutos depois, tirávamos fotos dentro do aeroporto ao lado das bicicletas montadas. Depois de um lanche rápido no saguão e de uma conversa bem agradável com um policial, também ciclista, que estava de plantão, saímos do aeroporto em direção à pousada que havia sido reservada em Stella Maris.



O céu um pouco nublado talvez fosse o responsável pelo mormaço leve que sentíamos. Havia chovido na cidade horas antes da nossa chegada. A intenção era chegar à pousada de bicicleta, um caminho com cerca de 9 quilômetros de distância.

Aquele seria o momento de testar as regulagens e de se familiarizar com o comportamento das bicicletas com o peso dos alforjes. O Diretor de Percurso do grupo, com o GPS, traçou o destino e comandou a partida.

Partiu! Lá íamos nós, cheios de excitação, pedalando em fila indiana e apitando pela alameda próxima à saída do aeroporto, sendo saudados com as buzinas de muitos motoristas.

Não havia se passado dez minutos e já estávamos enfrentando o primeiro problema com pneus furados. Seriam treze até o fim da jornada, em Maceió. Uma câmara de ar estourada e um pneu avariado desafiaram as habilidades da Diretoria de Mecânica. Foi necessário trocar a câmara e colocar um manchão para que fosse possível continuar até a pousada.



A orientação por GPS também foi posta à prova. Houve um erro qualquer em algum ponto do trajeto e o resultado: bons quilômetros a mais de pedalada. Fizemos uma pequena parada para tomar água de coco e esticar as pernas numa barraquinha onde o preço de dois copos de 250 ml era menor do que o preço de um copo de 500 ml. Finalmente, após cerca de uma hora da partida do aeroporto, chegamos à pousada, com o gostinho do que seria a aventura.

Tomamos consciência da importância do improviso para enfrentar situações inesperadas. Quem imaginaria um pneu quase inutilizado pela explosão de uma câmara de ar, instantes após a partida para a primeira pedalada do grupo? E a sacada de colocar um manchão no pneu estragado para possibilitar uma sobrevida até a chegada à pousada?

A segunda parte do grupo chegou a Salvador no dia 10 de março. A ida do aeroporto até a pousada foi feita em um táxi com bagageiro capaz de carregar as bicicletas embaladas. As bicicletas foram desembaladas e montadas logo na chegada à pousada.

Aquela câmara de ar estourada e o pneu avariado precisaram ser repostos. Isto acendeu luz amarela e resolvemos nos precaver levando mais peças sobressalentes. Um de nós foi a uma loja de bicicleta em Itapuã e comprou três pneus, três câmaras de ar, uma corrente e um pezinho. Vimos que certos aros requerem câmara de ar com pito comprido e que não teríamos esse tipo de câmara durante a viagem. Um risco que tivemos de assumir.

O primeiro grupo havia ido dar um passeio pela cidade. Pelourinho, elevador Lacerda, Mercado Modelo, parada para assistir uma demonstração de

capoeira, algumas compras e um almoço de frutos do mar como só se pode comer na cidade dos soteropolitanos.



O retorno do passeio colocou os dois grupos reunidos no local da partida para a aventura SALMA. Um jantar regado a cerveja e caipirinha celebrou o reencontro, e nosso experiente Diretor de Percurso discorreu sobre distâncias, localidades e condições de cada trecho que seria percorrido.

Nossa meta era pedalar cerca de 50 ou 60 quilômetros por dia durante os próximos 11 dias. Tínhamos referências de algumas pousadas, mas nenhum compromisso de ficar nelas. A Diretoria de Pousada teria que pesquisar onde iríamos ficar em cada local, negociar preço e condições de pagamento e decidir, pelo grupo, o local da estada.

Após iniciar o percurso ciclístico, teríamos apenas um dia de folga, que seria, mais ou menos, no meio do trajeto até Maceió. O cronograma apertado lembrou-nos do espírito de aventura, único capaz de mover as pessoas por desafios como o de enfrentar chuva e frio, pedaladas noturnas e local incerto para o pouso.

11 de março foi um dia livre. Alguns preferiram fazer uma caminhada pela praia, com direito a banho de mar. Apesar das orientações para descansarmos, nossa colega triatleta insistiu em cumprir seu treinamento de corrida, o que se mostraria ruim para um joelho já comprometido.

Durante a tarde, houve banho de piscina, muita conversa, alguma cerveja e uma checagem geral nas bicicletas, com apertos em parafusos e ajustes em selins, marchas e freios.

À noite, reunimo-nos todos para o jantar com direito a caipirinhas, comidas típicas baianas e passagem de orientações sobre o percurso do dia seguinte.

A previsão era rodarmos cerca de 56 quilômetros de onde estávamos – Stella Maris – até a Praia do Forte, primeiro destino da aventura. Andaríamos parte do trajeto pela praia, desde que as condições permitissem. Com uma olhada na tabela de marés, confirmou-se que teríamos maré baixa durante todo o período previsto para a pedalada, um dos critérios utilizados para análise das condições. Para nós ciclistas, maré baixa significa faixa de areia mais larga, sendo parte dela úmida e compacta, boa para sustentar, sem afundar, o peso de bicicletas com carga e condutor.

O clima prometia ser propício. Céu entre nuvens com possibilidade de chuva esparsa. Não sentiríamos o calor abrasador do litoral nordestino no dia seguinte e ainda haveria a possibilidade de pedalarmos com chuva leve.

Alguns já sonhavam ver tartaruguinhas despontando de seus ovos e correndo pela praia ao encontro do mar. A visão dos pequeninos quelônios se arrastando intrépidos em direção ao mar e sendo engolidos pelas ondas desperta sensações ligadas à batalha pela vida e ao nosso próprio instinto de preservação.

O que leva seres tão diminutos a atender e respeitar o chamado da natureza que os coloca diante de situações tão extremas, cercados por predadores ávidos por fazê-los de alimento, e ter de enfrentar a violência do impacto das marolas e das ondas do mar, logo após o nascimento? Este tipo de sensação talvez fosse o reflexo de estarmos dispostos a enfrentar, dadas as devidas proporções, condições similares. Lidar com as vicissitudes daquela aventura que se descortinava. Para nós daquele grupo, aquilo era motivo de incentivo para seguir adiante na jornada.

Voltamos em pequenos grupos para a pousada e ainda houve tempo para ajustes em porcas e parafusos. Um bagageiro mal colocado mereceu atenção especial — estava torto e o parafuso um pouco espanado, deixando o conjunto bicicleta/bagagem um pouco instável. Foi um teste para as habilidades do mecânico do grupo, que conseguiu imprimir certa estabilidade ao equipamento elevando o bagageiro em um dos lados. Durante a aventura este bagageiro ainda daria algum trabalho.

## Dia 1 - 12 de março Salvador - Praia do Forte

Quatro, cinco, seis. Nos próximos dias acordaremos às quatro da manhã, tomaremos café às cinco e partiremos às seis. Naquele 12 de março, a Diretora de Alvorada foi precisa: quatro da manhã e ela já batia de porta em porta na pousada, despertando os aventureiros para o início da jornada.

Uma hora para se aprontar. Tempo para fazer o asseio matutino, vestir o uniforme de ciclista, acondicionar roupa, sapatos, material de higiene pessoal, celulares e demais equipamentos de viagem nos pequenos alforjes, amarrar os alforjes nas bicicletas, testar pneus, freios, colocar óleo nas engrenagens, abastecer os cantis com água e levar a bicicleta ao local da partida do grupo. Momento também de passar doses generosas de protetor solar no corpo e nos lábios.

Uma hora para tomar o café da manhã bem sortido, supervisionado pela “equipe do café da manhã”. Café, leite, ovos fritos, cuscuz, pão francês, queijo, manteiga, frutas. Desse dia em diante o cuscuz com ovo e manteiga seria uma iguaria exigida em todos os cafés da manhã.



Durante o café, nosso Diretor de Percurso passou instruções e orientações. Tempo estimado da jornada do dia, características do caminho e do local de chegada e definição da nossa colocação no pelotão. A formação do pelotão para a jornada havia sido estudada para garantir a segurança e o equilíbrio do grupo.

Andaríamos em fila indiana; o nosso Diretor de Percurso na frente, com o trajeto memorizado e de olho no GPS e os mais experientes em condução de grupos de ciclista posicionados ao fim do pelotão, na chamada “cozinha”. Do meio para frente do grupo, posicionaríamos os aventureiros mais rápidos e resistentes, e do meio para

trás do grupo, os mais lentos. A ideia por trás da formação era a de que os mais lentos seriam incentivados pelo pessoal da cozinha a acompanhar os mais rápidos logo adiante.

Hora da partida. Todas as bicicletas posicionadas em frente à pousada. Muitas fotos para marcar o momento. Sorrisos e expectativas à flor da pele. Uma oração ecumênica com agradecimentos, pedidos de proteção e encerrada com um pai nosso. Amanheceu na Bahia. Um dia nublado, temperatura agradabilíssima para um início de pedal que duraria onze dias até o destino final.



Olhando assim o grupo postado para as fotos da partida, todos uniformizados e com as suas bicicletas, bandeirolas, cantis, alforjes, capacetes, luvas, bandanas, óculos de sol e outros acessórios e apetrechos, viria à memória uma foto antiga do bando de Lampião, registrada por Benjamin Abrahão Botto, fotógrafo responsável pelo registro iconográfico do cangaço. De certa forma nos assemelhávamos aos cangaceiros com seus gibões, espingardas, alforjes, chapéus, cantis, anéis, medalhas, lenços, botinas e também outros acessórios e apetrechos, prontos para suas aventuras pelos sertões nordestinos. Seríamos um bando pós-moderno de cangaceiros? Nenhuma violência nos interessava. Nenhum motivo para vingança e nenhuma arma de fogo. Em comum talvez apenas o desejo de percorrer livremente caminhos e trilhas.



Momento de testar os rádios, peças chave para regular o passo do pelotão. Alguns bips depois... partiu! O pelote serpenteava por ruas e ruelas de Stella Maris e Flamengo. As bicicletas, passando por cima de asfalto, paralelepípedos ou terra, iam lentamente ofendendo os pulsos e os glúteos. Uma, duas, três ruas sem saída e o pobre do GPS recebendo toda a culpa.



Andávamos com o mar à nossa direita. Por vezes alguém do grupo entoava um “Já pintou verão / amor no coração...” sucesso da Banda Beijo de 1998. Outros se animavam e o coro estava formado. Andamos quilômetros por caminhos que costeavam o mar. A praia de areia fofa ainda não permitia a nossa pedalada. A expectativa de pedalar na areia junto ao mar era enorme. Vontade de ouvir as águas

marulharem ao longo da costa, de sentir nas nossas faces a brisa do oceano, de molhar os pneus das bicicletas nas franjas do mar. A cada instante uma checada nas condições da areia.

Em algum momento, a cor da areia da praia mudou. Ficou mais escura, aparentando mais densa. Podíamos ver pequenas poças de água do mar ao longo da costa. Era o momento tão esperado de pedalar sobre as areias da praia.



O tempo continuava nublado. Tomamos um chuvisco que não deu nem para encharcar nossas roupas. A pedalada pela areia da praia requer força e cuidados adicionais. O terreno é traiçoeiro, alternando partes moles com partes densas. Os pneus deslizam com certa dificuldade e, por vezes, travam.

Não havíamos atentado para a necessidade de esvaziar um pouco os pneus e andávamos na areia com a mesma calibragem com a qual andávamos em terreno mais firme. Aprendemos que certos tipos de pneu não funcionam bem em pisos de areia da praia, a não ser com calibragem mais baixa. Andar sobre a trilha formada pelos colegas da dianteira ajuda muito pouco e só compensa quando, apeados, carregamos as bicicletas sobre areia fofa.

A fila indiana que iniciou a jornada não se manteve quando passamos a pedalar sobre a areia da praia. Havia certo acordo tácito para que pedalássemos com mais liberdade, na velocidade de cada um. Logo percebemos que se formavam grandes espaços entre nós. Os mais lentos ficavam muito pra trás. Isto mudaria nos dias seguintes.

O mar passa saborosamente a língua na areia... Pedalar na beira da praia, apesar de exigir um pouco mais de esforço, é uma delícia! O pensamento flui como as ondas do mar. De um lado, a imensidão do oceano, do outro, paisagens muito

modificadas pelos homens. Casas de veraneio, bares em palhoças, plantações de coqueiro e o belo edifício do centro de treinamento de judô em Lauro de Freitas.

De certa forma nós também somos uma modificação na paisagem. Vistos de longe por um observador atento, somos pontinhos em movimento: não estaremos no mesmo lugar no segundo seguinte e deixaremos marcas de pneus na areia que durarão poucas horas.

Almoço não há. Poucas paradas em bares, postos de gasolina ou padarias para um lanche revigorante. Refrigerantes, sorvetes, biscoitos e sanduíches são consumidos sem moderação. Para reabastecer os cantis, a opção mais barata é a de um galão de 20 litros de água mineral. Dá pra matar a sede imediata, encher todos os cantis e ainda sobra um pouco para um banho de água doce.



Cada parada nos leva aos nossos celulares. Necessidade atávica de uma ligação com as referências que estão distantes: mães e pais, filhos e maridos, namoradas e namorados, amigos. Fotos e mais fotos do grupo, dos colegas de aventura, da paisagem, de placas com os nomes dos locais. Poses combinadas, como a que marcaria toda a viagem: braços levantados em direção ao céu.



Hora do tibum! Corpos ao mar da Bahia. Estranho se jogar na água com roupa e sapatos, orientação dos mais experientes. O efeito relaxante é quase imediato e as pernas agradecem. O grupo se diverte e conversa. Os mais experientes sabem do problema de usar qualquer tipo de roupa de baixo em pedais de longa duração e onde água salgada e areia fazem parte do contexto. O atrito da roupa de baixo com o selim e as pernas causa assaduras que doem muito e podem até levar alguém a desistir de continuar a aventura. Então não havia calção de banho, maiô ou biquíni, tampouco cueca ou calcinha.

Tomar banho sem tirar as meias e sapatos, além de ser prático, evita cortes desnecessários em corais, conchas ou ouriços. A camisa de ciclista protege contra queimaduras do sol. A roupa toda seca rapidamente na bicicleta em movimento ao ar livre e a possibilidade de um banho de água doce numa próxima parada era sempre considerada. As roupas usadas seriam lavadas na chegada em um hotel, ou pousada, e como o tecido diferenciado da roupa de ciclista possibilita secagem rápida, teríamos novamente os uniformes em condições de uso no dia seguinte.

Após o primeiro tibum, havia um trecho de areia fofa e tivemos que voltar para as trilhas de terra que acompanham a praia. Bem agradável pedalar por entre coqueiros e entrar nas pequenas vilas pelo caminho distribuindo boas-tardes às pessoas pelas ruas, ou sentadas em frente aos portais das suas casas.



Mais uma parada, mais refrigerante, pães e biscoitos, água mineral para reabastecer os cantis, banho com a água mineral que sobra dos galões de 20 litros, olhadinha nos celulares e fotos. O céu abriu e a Bahia veio nos abraçar com seu ar quente e úmido.



Início da tarde e entramos em uma estrada asfaltada com o sol a pino. Até nossas sombras suavam. Os cantis passaram a ser utilizados com maior frequência: água pra beber, pra jogar na nuca, pra molhar o peito e as costas. Estrada ondulada, com descidas e subidas que exigiam algum esforço. O pelote se abria nas subidas e os dianteiros precisavam parar de quando em vez para aguardar a turma mais lenta. Passamos pela entrada de Arembepe e andamos mais uns 25 quilômetros até chegarmos ao município de Mata de São João, cerca de 80 quilômetros depois de Salvador. O destino final estava próximo: distrito Praia do Forte.



Chegamos à Praia do Forte por volta das 16 horas e fomos para frente de uma pousada descansar, enquanto a Diretoria de Pousada e a “equipe das bicicletas” cumpriam sua missão. A Diretoria de Pousada foi em busca de opções de pousada, indo a cada uma negociar uma estada mais em conta e com os recursos necessários para a limpeza das bicicletas e a lavagem das roupas. Logo esta turma retornou com a escolha: Praia do Forte Hostel. Pegamos as chaves dos quartos, desmontamos os alforjes das bicicletas e fomos para as nossas acomodações deixar os apetrechos de viagem.



Havia certas condições para a escolha da pousada, sendo uma das mais importantes a distribuição das camas por quarto. Éramos nove pessoas — um casal precisava dormir em cama de casal, dois rapazes que precisavam dormir em camas de

solteiro e cinco moças que também precisavam dormir em camas separadas. O arranjo possível para acomodar estas necessidades seria um dos fatores determinantes para a escolha do local da hospedagem.

A “equipe das bicicletas” saiu em busca de querosene ou óleo diesel, solução lubrificante e anticorrosiva, sabão em pó e esponjas para a limpeza das bicicletas. O óleo diesel é mais eficiente para retirar areia e outras partículas das engrenagens e ainda deixa uma fina camada viscosa que suaviza a pedalada. Por sua vez, o querosene demora a dissolver a sujeira e deixa as engrenagens muito secas.

O posto de gasolina de Praia do Forte fica bem na entrada do distrito, cerca de cinco quilômetros da pousada. Somente o posto teria óleo diesel pra vender. E lá foi a “equipe das bicicletas” atrás do óleo. Cinco quilômetros até o posto, Cinco quilômetros para a pousada e nada do óleo diesel. Os postos só podem vender o produto em vasilhames específicos e grandes. Nós precisávamos apenas de uma pequena quantidade, uns 600 ml. A primeira limpeza das bicicletas seria feita com querosene.

A primeira experiência de limpeza das nove bicicletas serviu para a criação de um “processo” para ser executado por três pessoas e consistia em: uma pessoa colocava todas as bicicletas lado a lado e virava cada uma de cabeça para baixo, enquanto a segunda pessoa, com uma mangueira, molhava as bicicletas para remoção de areia e sal, e a terceira com um balde de água, sabão em pó e esponja lavava aros e raios, quadro, guidão, coroas, catracas e engrenagens das marchas. A mesma pessoa que virava as bicicletas desvirava após a ação da terceira pessoa.

A seguir, começava outro ciclo. Limpeza das correntes com uma máquina cheia de querosene, escovação das catracas e coroas com escova de dente, enxague com água em abundância e limpeza do selim e da parte de cima do guidão. Este “processo” seria alterado algumas vezes ao longo da jornada, mas as tentativas não eram assim tão bem sucedidas e acabávamos retornando ao processo original.

A lavagem ocorreu bem na frente do hostel, com o dia virando noite. No final, já de noitinha, as bicicletas limpas foram colocadas lado a lado no pátio interno do albergue.

A “equipe da lavanderia” entrou em ação no mesmo momento da limpeza das bicicletas. As roupas e os tênis utilizados foram recolhidos e levados ao tanque. Muitas esfregadas depois e as roupas e os tênis foram repousar limpos nos varais.

Tomamos um banho e nos arrumamos para um passeio pela Alameda do Sol. Que beleza de alameda! Uma passarela ladeada por construções rústicas que

acomodam bares, restaurantes e lojas de todos os tipos. Muita gente com roupa de veraneio caminhando por calçamento bem tratado e arborizado.

Durante o jantar, cervejas e caipirinhas para acompanhar pizzas e outros quitutes. Nosso líder fez um apanhado geral do primeiro dia. Aspectos positivos e negativos. Vimos que precisávamos modificar a forma de andar na praia. Era preciso que ao menos um homem acompanhasse as mulheres que ficavam mais pra trás no pelotão. Vimos que o posicionamento do pelote precisava ser modificado também nas estradas. Os mais lentos no meio e não mais junto da cozinha.

A “equipe das bicicletas” manifestou desagrado com a atitude dos colegas que não esperaram pela chegada do material de limpeza e foram passear no projeto TAMAR. Lembrou o acordo que havia sido selado em uma das reuniões de planejamento da viagem: o grupo unido combinaria os passeios.

O jantar terminou e nosso Diretor de Percurso discorreu sobre o trajeto do dia seguinte. Haveria um trecho longo pela areia da praia, mas teríamos que pegar estrada asfaltada para entrar na Costa do Sauípe e rumar para Subaúma, nosso destino do dia 13 de março.

De volta à pousada para o repouso merecido. Carregamento de celulares, pilhas das lanternas e baterias dos rádios. Últimas olhadas nos celulares e lá se foi o primeiro dia da aventura.



## Dia 2 - 13 de março Praia do Forte - Subaúma

Quatro, cinco, seis. Acordamos, novamente, às quatro da manhã com o toc toc da nossa diretora de alvorada na porta do quarto. Estava tudo escuro ainda. Uma hora para as arrumações, asseios e preparativos. Cada um foi pegar sua roupa e seus tênis no varal do albergue. Os tênis não ficaram secos por completo, assim como as meias. As roupas de ciclista, por outro lado, ficaram bem sequinhas. Mesmo com algumas peças da vestimenta úmidas, seria possível vestir toda a indumentária para o segundo dia da viagem.

- Cadê as palmilhas do meu tênis? Esta questão ficaria sem resposta até a manhã do dia seguinte. Teve gente que pedalaria sem as palmilhas do tênis naquele dia 13 de março.

Ajeitar as coisas nos alforjes já não era algo tão difícil de fazer. Dicas e truques ajudaram bastante, como, por exemplo, embalar tudo o que vai dentro do alforje com sacos plásticos resistentes. Não aqueles do tipo de supermercado, que furam e rasgam com muita facilidade, mas aqueles do tipo que se embala roupas compradas em butiques, que são maiores e bem mais resistentes. Além de proteger contra água da chuva, ou dos pingos de poças de água, ou mesmo da água do mar nas pedaladas pelas praias, os sacos plásticos podem ser removidos dos alforjes rapidamente e colocados sobre alguma superfície (cama, por exemplo) para facilitar o manuseio das roupas, material de asseio e outros apetrechos.

Outra dica importante: colocar o material de asseio, os equipamentos sobressalentes (câmaras de ar, raios, pneus etc), e o material elétrico/eletrônico (carregadores de celular e de baterias, tomadas, extensões de fios, lanternas etc.) em uma bolsa do alforje e colocar os sapatos e as roupas na outra bolsa (com os sapatos por baixo das roupas). Separar calças, short, roupa de banho e roupas de baixo em um saco plástico, e camisetas, camisas e sutiã em outro também ajuda bastante.

Uma rápida inspeção nas bicicletas, montagem dos alforjes nas garupas, um pouco de lubrificante nas engrenagens e bastante protetor solar na pele e nos lábios e estávamos prontos para o café da manhã com o tão desejado cuscuz com manteiga e ovo.

Durante a inspeção havia uma bicicleta com o pneu vazio e, ao tentar enchê-lo, começou a vazar ar pelo pito. O jeito foi trocar a câmara de ar. Mais uma câmara inutilizada.

Percebemos também, que colocar óleo nas engrenagens, mesmo sendo o do tipo mais fino, como o de máquinas de costura, não era o mais adequado para as condições da nossa pedalada. A areia da praia gruda no óleo e passa para as

engrenagens, que ficam rangendo. Com o tempo, a areia passa a corroer as engrenagens gerando folgas e tornando a pedalada mais difícil.

Tomamos um café da manhã reforçado produzido pela “equipe do café da manhã” e ouvimos o *briefing* do nosso Diretor de Percurso com as orientações sobre o trajeto que iríamos percorrer. O clima estava bom para a pedalada: sol entre nuvens, com pouca chance de chuva. A tábua de marés indicava maré seca no trajeto que faríamos pela beira da praia. Pedalaríamos cerca de 60 quilômetros até Subaúma, uma vila de pescadores da Costa dos Coqueiros, na linha verde, a 119 quilômetros a nordeste de Salvador. Passaríamos pela Costa do Sauípe. Andaríamos um bom trecho pela Estrada do Coco, que interliga vários pontos do distrito de Sauípe, no município de Mata de São João.

Após o café da manhã, reservamos uns momentos para o asseio e para abastecer as garrafinhas com água mineral e gelo. Todos perfilados com suas bicicletas na frente da pousada para as fotos da partida. Uma vaidade saudável tomava conta de alguns de nós e podia ser percebida nas poses, nas caras e bocas e no cuidado com a aparência para ficar bem nas fotos.



Todos de mãos dadas para a oração ecumênica. Pela segunda vez, a oração se referia aos anjos, seja para abrirem nossos caminhos, seja para protegerem nossa retaguarda. E o Pai no comando!

Partiu...! O relógio digital dos celulares apontava 6h e o pelote já serpenteava pelas ruas da Praia do Forte, até chegarmos ao Centro de Visitantes do

Projeto TAMAR. Ainda era muito cedo e, para decepção da maioria de nós, o centro estava fechado. Tiramos fotos na entrada e partimos novamente.



Seguíamos por um caminho de terra que margeava a praia buscando um local onde a areia possibilitasse a pedalada. Areia fofa por boa parte do caminho, até que encontramos um acesso à praia com boa chance de possuir areia na densidade para suportar o peso das nossas bicicletas.



Caminhamos cerca de 1 quilômetro empurrando as bicicletas pela areia fofa da praia, passando por uma montueira de sargaço e por grandes pedras incrustadas no chão. Vez por outra tentávamos pedalar, até que se tornou possível equilibrar as bicicletas e imprimir alguma velocidade pedalando com bastante força.

Há um truque para empurrar as bicicletas na areia fofa. Uma das mãos no guidão empurrando e dando a direção, outra por traz do selim puxando vigorosamente, pernas afastadas dos pedais para não se ferir e pneu da frente bem sobre a marca feita pela bicicleta que vai à dianteira. Obviamente o primeiro ciclista do pelotão vai sofrer um pouco mais, mas o restante do grupo vai se beneficiar desse sacrifício ao fazer menos esforço para carregar as bicicletas.



Alguns de nós usávamos pneus praieiros, mais propícios para o terreno arenoso e fofo, mas que requer certos cuidados de operação. Para rodar no asfalto com este tipo de pneu é preciso enchê-lo mais do que para rodar em terreno arenoso e fofo. Por conta desta característica, era preciso esvaziar um pouco o pneu antes de pedalar na areia, e encher antes de pedalar no asfalto, ou estrada de terra.

Pedalar na beira da praia naquele dia 13 de março foi prazeroso! O sol entre nuvens despejava raios tímidos sobre nós; raios com radiação insuficiente para queimar as peles mais sensíveis. Uma brisa leve e quente envolvia nossos corpos com a delicadeza de um edredom. A maré seca deixava uma longa faixa de areia à nossa disposição. E a gente brincava com várias formações do pelote: em linha; em paralelo; em formato de seta... Tirávamos fotos e gritávamos, fazíamos peripécias com as bicicletas e parecíamos crianças num parquinho de diversões.



Colocamos em prática o que havia sido combinado na noite do dia anterior. Um dos homens do grupo fazia a cozinha e acompanhava os mais lentos do pelotão todo o tempo, sempre se comunicando com a turma da frente por meio do rádio.

Desde a partida de Salvador havíamos percebido que uma das bicicletas estava superdimensionada para o tamanho de um de nós do grupo. O mais alto do grupo, com 1,85m, pedalava uma aro 26, enquanto a mais baixa do grupo, com 1,56m, pedalava uma aro 29. O tamanho inapropriado do guidão e do quadro exigia esforço adicional da ciclista em ladeiras e areia de praia, com a consequente diminuição da velocidade. Estava desvendado um dos motivos da dispersão do pelote.

Parávamos para um merecido descanso a cada 10 quilômetros de pedalada na praia. Parte do café da manhã, como pão com queijo e manteiga, ovo cozido e frutas, havia sido embalado em sacos plásticos e guardanapos e, nas paradas, era deliciosamente consumido.

O tiburão no mar de águas mornas relaxava nossos músculos. Os glúteos agradeciam o pouco de tempo em que não estavam achatados e equilibrados nos selins.



Na segunda parada do dia um inusitado momento para ajeitar uma calça descosturada na região das nádegas. A calça foi costurada sem que fosse necessário despi-la, tendo por suporte o próprio corpo da nossa colega, que estava de bruços nas águas do mar.



Foram uns 22 quilômetros pela beira da praia, até nossa segunda parada. Dali por diante seguiríamos pela estrada de asfalto até Subaúma. Saímos da beira do mar por um caminho estreito de terra. Tivemos que suportar as costelas da pequena trilha amortecendo os inúmeros impactos em nossos corpos. Pulsos e nádegas sofreram um pouco e vez por outra foi necessário firmar mais as pernas nos pedais para levantar o bumbum do selim e fazer movimentos circulares com os pulsos.

Chegamos à estrada nas proximidades do povoado de Currálinho, em Barra. Uma placa na beira da estrada com o nome do povoado motivou uma parada

para nos divertirmos. Fotos nossas com a bolsa de tecido do CU, sob a placa, produziram muitas gargalhadas.



Mais alguns quilômetros de pedalada e, debaixo de um tempo firme, com os raios de sol chegando até nós sem filtro ou freio, chegamos à Costa do Sauípe. Era o início da tarde, cerca de 14 horas. Pedalamos pelo acostamento de uma estrada com pouco movimento. O calor vindo do asfalto se juntava ao calor vindo de cima e a sensação era a de que estávamos numa sauna, porém sem o odor do eucalipto. Filtros solares e protetores labiais foram usados sem clemência.



Mais uma parada para descanso, recarga de energias e abastecimento das nossas garrafinhas de água. Serviu também para um banho de água mineral, sobra

do que ficara no garrafão de 20 litros que compramos, após enchermos nossas garrafas. Alguns refrigerantes e guloseimas depois e... partiu!



Não havia dificuldade em pedalar pelo acostamento da estrada, apesar do calor. Longos trechos planos, por vezes intercalados por alguns aclives suaves, que logo desembocavam em declives também suaves, propiciavam o que poderíamos chamar de “pedal gostoso”.

Nossa formação em linha, com nosso Diretor de Percurso na dianteira e dois de nós fechando a cozinha, foi diferente da formação que havíamos adotado na praia. As novas condições do trajeto favoreciam uma menor dispersão, mas ela ainda acontecia. Vez por outra, parte do pelotão que conseguia desenvolver maior velocidade no aclive, precisava parar e esperar pelos retardatários, que eram acompanhados pelo pessoal da cozinha.

Uma de nossas colegas estava tendo certa dificuldade para acertar o momento da troca da relação das marchas nas subidas e descidas. Por vezes pedalava mais que o necessário para manter a mesma velocidade do pelote nas descidas e planos, sambando no selim. Por vezes se esforçava em demasia para se manter junto ao pelote nas subidas. Agimos então da seguinte maneira: outro membro do grupo se aproximou da colega e, calmamente, orientou sobre o momento correto para a troca da relação mais adequada à situação. Pouco tempo depois da adoção dessa medida nossa colega passou a pedalar com mais eficiência, reduzindo um pouco a frequência da dispersão durante o restante do trajeto.

Já bem próximo a Subaúma um pneu furado interrompeu a pedalada por alguns minutos. O acostamento das estradas por onde trafegam muitos caminhões é rico em fiapos do aço que se desgrudam das cintas que sevem de sustentação à

banda de rodagem dos seus pneus mais desgastados. Os fiapos penetram a borracha dos pneus mais lisos da bicicleta com certa facilidade e, depois que penetram, furam a câmara de ar.



Trocar a câmara requer uma investigação minuciosa do interior do pneu da bicicleta na busca pelo maldito fiapo de aço. É preciso retirá-lo, do contrário, outra câmara resultará furada. Adotamos uma técnica bem eficiente para procurar por fiapos de aço dentro de pneus de bicicleta: passar uma luva suavemente por dentro do pneu. Onde existe o fiapo a luva prende, denunciando a sua presença. Retirar o fiapo com os dedos das mãos não é fácil. Melhor seria se contássemos com uma pequena chave torquês (item necessário em uma próxima viagem).

Um saco plástico com água serviu para mostrar o furo na câmara de ar. A câmara furada foi cheia, mergulhada no saco e logo se viu o borbulhar típico que um pequeno furo produz. Remendar a câmara ou simplesmente utilizar a sobressalente é a escolha a ser feita e, neste caso, optou-se por utilizar a sobressalente.

Tempo para a troca do pneu: 12 minutos. Pessoal envolvido: duas pessoas, sendo uma sentada no chão com a incumbência de apoiar os trabalhos, segurando a roda, desmontando o pneu do aro, passando a luva por dentro do pneu, retirando o fiapo etc., e outro com maior liberdade de ação para apanhar equipamentos (remendos, bombas de ar, chaves de roda etc.) e retirar a roda da bicicleta, remendar a câmara de ar, encher o pneu e remontar a roda na bicicleta promovendo os devidos ajustes em corrente, marcha e freios. Esta prática seria repetida mais vezes, com ganho de eficiência comprovada pela drástica redução do tempo para a troca do pneu.

Subaúma estava à vista quando cruzamos um trecho ladeado por um monte de terra enorme, provavelmente, resultado da ação dos homens que

construíram a estrada até a vila. Fizemos uma pequena parada para fotos e para admirar o mar visto à distância.



Chegamos à orla de Subaúma por volta das 16h40. A Diretoria de Pousada entrou em ação buscando o local da estada. Como de costume, tínhamos uma pousada como referência, mas insistíamos em buscar novas opções que pudessem, como resultado de comparação, trazer vantagens, seja no preço, ou nas acomodações, ou nos equipamentos disponíveis, como máquina de lavar roupas e ar-condicionado, por exemplo.



Lembram-se daquele joelho dolorido da nossa colega que fez um treino de corrida em Salvador às vésperas da partida? Pois bem: ele já estava incomodando de tal forma que foi necessário substituí-la da Diretoria de Pousada. Uma, duas, três

negociações em diferentes pousadas e optamos por ficar mesmo na que tínhamos como referência.

Enquanto a Diretoria de Pousada agia, o restante de nós buscava um local para um lanche reforçado. Acabou que o lanche se transformou em um almoço dos bons. Uma moqueca de peixe que veio acompanhada por uma moqueca de lagostim, um mimo oferecido pela dona do pequeno restaurante à beira mar. Outra iguaria que viria a encantar os que do nosso grupo apreciam uma brasileiríssima caipirinha: uma caipirinha feita com mangaba foi oferecida. Sim, isso mesmo, a caipirinha onde o limão é substituído pela mangaba, uma delícia!



Fomos para a pousada escolhida logo depois do regabofe. Cada qual pegou a chave da sua acomodação e retirou os alforjes das bicicletas, que foram deixadas no pátio interno da pousada, onde havia um gramado extenso e adequado para a lavagem. Roupas e tênis utilizados no dia foram reunidos e entregues à “equipe da lavanderia”. Havia uma máquina de lavar roupa disponível e muito espaço para estender as indumentárias.

A “equipe das bicicletas” conseguiu adquirir um pouco de óleo diesel num posto de gasolina, o suficiente para dois dias de limpeza completa nas bicicletas. Cerca de uma hora e meia depois já havíamos lavado e arrumado roupas e bicicletas. O cheiro forte do óleo diesel impregnava o ambiente onde as bicicletas haviam sido lavadas e nós chegamos a temer pela saúde do gramado que o cobria a área onde a limpeza das bicicletas havia sido feita.

Após um merecido banho, reunimo-nos na entrada da pousada para uma volta pela cidade em busca de um local para lanche e bater um papo. Ouvimos da dona da pousada Kasebre, uma gaúcha daquelas trabalhadeiras, uma história sobre a origem do nome da vila. Segundo ela, no tempo dos engenhos um senhor ficava sentado no alpendre de sua casa grande com olhos de luxúria para as escravas que lavavam roupa no rio. Vez por outra, para satisfazer seus desejos gritava: Suba uma.

Dona Celsa é a mesma dona da pousada onde, dez anos antes, nosso Diretor de Percurso se hospedou com sua trupe durante uma cicloturagem. Dona Celsa lembrou detalhes da passagem do grupo por lá, inclusive aparência e ocupação de vários dos seus membros. Ela ficou bastante emocionada quando viu as fotos daquela época mostradas no celular.

Durante o lanche que fizemos na frente de uma sorveteria junto à orla, comentamos sobre o sucesso do esquema combinado no dia anterior de colocar um homem acompanhando os retardatários do pelotão nas pedaladas pela praia. Concordamos que isto resultou em mais segurança e tranquilidade para o grupo. Estávamos todos muito bem emocional e fisicamente, apenas o joelho da nossa colega atleta nos preocupava. Após o lanche retornamos à pousada para o descanso merecido.

Mas que descanso que nada. Lá pelas 23h, um de nós tentava ajustar os freios dianteiros que já não estavam funcionando bem. Sem os óculos de grau ele mal enxergava o que estava fazendo e, talvez por constrangimento, não solicitou ajuda. Ocorre que o seu companheiro de quarto daquele dia, percebendo que o amigo havia saído e estava demorando a retornar, resolveu checar o que estava ocorrendo do lado de fora do quarto. Viu a dificuldade pela qual estava passando e ofereceu ajuda.

Mecanismo complexo de montar e ajustar o danado do freio. Peças que pareciam entortadas e pedaços de arame faziam parte de uma equação difícil de resolver. Tendo o freio traseiro por referência e muitas tentativas depois, o freio dianteiro estava montado e ajustado. Já eram 2h da manhã e o grupo seria acordado às 4h.

## Dia 3 – 14 de março Subaúma - Barra do Itariri

Quatro, cinco, seis. Acordamos às quatro da manhã com o telefone tocando por ação da nossa diretora de alvorada. A rotina dos dias anteriores se repetiu: uniformes de ciclista no corpo, roupas e material de higiene nos alforjes, preparação do café da manhã reforçado, roupas apanhadas nos varais e tênis junto às soleiras da lavanderia. Uma surpresa logo cedo naquele dia 14 de março. As palmilhas desaparecidas no dia anterior surgiram dentro do tênis de um colega, sobre as palmilhas originais. Caso resolvido. Nosso colega, sem se dar conta, havia colocado as palmilhas de outro tênis dentro do seu próprio.

Cada aventureiro levou sua bicicleta do pátio interno para o pátio externo da pousada. Vimos o efeito do óleo diesel no gramado, que ficou enegrecido e seco onde as bicicletas foram preparadas no dia anterior. Lamentamos profundamente o fato e prometemos a nós mesmos, mais cuidado nas próximas vezes.



No *briefing* durante o café da manhã preparado gentilmente pela dona da pousada, nosso Diretor de Percurso deu detalhes sobre o próximo destino. Barra do Itariri fica a uma distância de cerca de 65 quilômetros de Subaúma. Parte do trajeto seria feita pela beira da praia e o restante por estrada asfaltada.

Logo após o café da manhã tiramos fotos, fizemos a oração ecumênica pedindo a proteção dos anjos e de Deus. Despedimo-nos da emocionada dona Celsa. Lágrimas e soluços que também nos emocionaram.



O dia estava ensolarado e quente. Saímos de Subaúma pela praia de areia fofa empurrando as bicicletas. Passamos bem próximos aos barcos de pesca ancorados na orla, junto a pedras que, a princípio, pareciam arrecifes. Foram cerca de 800 metros até nos depararmos com areia suficientemente consistente para o pedal. E lá fomos nós serpenteando por uma praia com muitas pedras, daquelas enormes e planas que por vezes possibilitam pedalar alguns metros por cima, sem percalços.



Passados alguns minutos e chegamos à beira de um riacho que desemboca no mar formando uma pequena península. Não havia como atravessar sem o apoio de uma embarcação. Vimos pequenos barcos ancorados logo acima da foz e procuramos seus donos para negociar a travessia das bicicletas. Não tivemos sucesso na procura e resolvemos pegar um emprestado.

Havia correnteza, mas não era forte. A água estava morninha, boa para um banho matinal. Arrastamos um dos barcos até a margem onde estávamos e acomodamos três bicicletas dentro do pequeno barco. Foram necessárias três travessias. Devido à falta de remos foi necessário empurrar o pequeno barco pelo lado de fora, dando movimento e direção e vencendo facilmente a correnteza. Cerca de uma hora depois estávamos todos do outro lado do riacho, rumo à Barra do Itariri. Deixamos uma nota de dez Reais dobrada e encaixada entre as tábuas do barquinho, imaginando qual seria a reação do seu dono ao encontrá-la.



Já havíamos pedalado muitos quilômetros pela beira do mar sem ver as tartarugas marinhas, tão comuns naquela região. Então encontramos uma tartaruguinha em meio ao areal. Estava morta. Parte do grupo parou para observar aquele animal que, como muitos da espécie, tentou empreender sua jornada partindo do ninho na areia da praia em direção ao mar, passando por pássaros predadores e toda espécie de outros animais marinhos situados mais acima na cadeia alimentar. Para aquele animalzinho a jornada foi curta. Provavelmente morreu calcinado pelo sol abrasador tentando alcançar as franjas do mar. O animalzinho foi coletado e guardado por nossa colega que mais conhece de enfermagem. Recebeu nome de batismo: Salma. Na próxima parada a Salma seria colocada em um vidro cheio de cachaça para preservar seu estado, pelo menos até chegar a Brasília.



Chegamos a uma localidade chamada Baixio para uma merecida parada revigorante. Naquele dia não pedalaríamos mais pela praia. O sol estava a pino e o calor incomodava um pouco. Muita água e refrigerante, pastéis e biscoitos para compensar o esforço feito e criar reservas para o esforço que viria. Pegamos a BA 440 saindo de Baixio em direção à BA 099, passando por Palame. Barra do Itariri estava ainda a 32 quilômetros de distância.

Uma hora da tarde e estávamos pedalando pela estrada pavimentada. O calor irradiado pelo asfalto, a umidade alta e a ausência de sombra e brisa deixavam seus efeitos na pele e nos olhos, quando os primeiros sinais de cansaço foram emitidos pela maioria dos membros do nosso grupo. O ritmo da pedalada caiu bastante. Íamos lentamente por trechos com pequenos aclives e declives intermediados por retas curtas. Cada aclive parecia ser muito maior do que realmente era e a água das garrafinhas era fartamente jogada em nossos pescoços. Houve momentos que quase dormimos pedalando.

Um pneu furado obrigou o grupo a parar na entrada de uma fazenda produtora de leite. Ao lado da entrada da fazenda havia um bambuzal com sombra acolhedora e chão forrado de folhas secas. Enquanto a Diretoria de Mecânica efetuava a troca da câmara de ar furada por uma limalha de ferro, o restante do grupo foi sentar sob a sombra do bambuzal. Não foi mais possível controlar o cansaço e o sono. Deitamos sob o bambuzal e tiramos um cochilo bem revigorante. Não havia colchão melhor no mundo que aquela cobertura de folhas secas! Uma hora depois da parada, estávamos recuperados da lombeira que nos abateu naquele dia.



O trecho final para a Barra do Itariri foi percorrido por uma estrada de terra que passava por entre fazendas de coqueiros. A estrada era repleta de costelas, ruim para os pulsos e para os bumbuns, que doíam bastante. Ajustar o bumbum sobre o selim para aliviar as dores era um desafio daqueles. Uns milímetros pra cá, algumas pedaladas; uns milímetros pra lá, outras pedaladas; uns milímetros pra frente, algumas pedaladas; uns milímetros pra trás, outras pedaladas. Com os pulsos não era diferente. Tirar uma mão do guidão e esticar o braço. Tirar a outra mão do guidão e esticar o braço.



Chegamos a Barra do Itariri com o sol já se pondo. Lugar com casas muito simples distribuídas ao longo de uma ruela de terra por trás da linha da praia. Demoramos um pouco a acertar a pousada, cerca de 2 quilômetros distante do que

pareceu ser o centro da vila: uma praça com um quiosque que vendia pequenas pizzas feitas na hora em um forno elétrico.

Março não é mês de veraneio e encontramos várias pousadas fechadas no lugarejo. Na que conseguimos, Pousada Estrela Dourada, havia um alpendre em frente aos quartos coberto por pequenos ladrilhos feitos de pedaços de diversos tipos de cerâmica. O pessoal da “equipe das bicicletas” colocou as bicicletas junto a um muro gradeado paralelo ao alpendre e se preparou para o ritual da lavagem. Havia um pouco de impaciência nas pessoas, talvez pelo tamanho do esforço gasto no trajeto. A lavagem das bicicletas pareceu interminável e o pessoal da “equipe da lavanderia” reclamou bastante do odor forte de óleo que exalava da água.

Não havia opções de restaurante, bar ou lanchonete em Barra do Itariri naquele dia. O único local para um lanche era no quiosque do centro da vila. Alguns de nós fomos de bicicleta da pousada até a praça, mas nossa amiga com o joelho doído precisou pagar um mototaxista.



Alimentados de pizza com refrigerante passamos em um pequeno mercado para comprar os mantimentos do café da manhã do dia seguinte e voltamos à pousada dirigindo nossas bicicletas. Uma colega nossa foi mais esperta e conseguiu pegar carona em um ônibus, que permitiu a ela acomodar a bicicleta dentro do veículo.

## Dia 4 – 15 de março Barra do Itariri - Mangue Seco

Cinco, seis, sete. Acordamos uma hora mais tarde no dia 15 de março, novamente com o toc toc da nossa Diretora de alvorada em nossas portas. O dia anterior havia sido bastante exaustivo e nos demos esse pequeno conforto de uma hora a mais debaixo das cobertas.

Ao abrirmos os quartos, ainda durante o alvorecer, nos demos conta da quantidade de mosquitos que havia do lado de fora. Bastou um segundo de porta aberta para os quartos serem todos invadidos por hordas do inseto zumbidor. A quantidade foi tamanha que impediu que utilizássemos os banheiros após o café da manhã.

As roupas e os tênis secaram melhor naquela noite quente e abafada. O cheiro nauseabundo da água do lugar podia ser sentido nas roupas, era algo como uma mistura de óleo com fossa que invadia as narinas ferindo ao menos um de nossos cinco sentidos.

Café da manhã bem reforçado preparado pela “equipe do café da manhã”, com cuscuz, ovo, pão, manteiga, banana, café com leite e uma batata doce cozida, que estava uma delícia.

Na preleção, soubemos do destino e das condições do trecho. Andaríamos por estrada de terra beirando a praia, e não diretamente sobre as areias. Não pegaríamos trechos com estrada asfaltada até a chegada em Mangue Seco, cerca de 58 quilômetros de Barra do Itariri pelo caminho que escolhemos fazer.

Passado o momento do asseio final, onde consumimos doses generosas de protetor solar, montamos nossos alforjes nas bicicletas, nos dirigimos para a entrada da pousada para tirar fotos e fizemos a oração ecumênica dos outros dias. Durante o Pai Nosso, nossa colega que sempre puxava a oração derradeira trocou frases e causou risada geral.



Partiu! Dia ensolarado e quente nos obrigava a sermos mais comedidos no ritmo das pedaladas. O terreno plano e firme facilitava a coesão do pelote. Pedalamos em fila indiana por horas sem que houvesse a necessidade de parar para esperar retardatários. Do lado voltado para o mar da pequena estrada de terra havia muitos coqueiros, já do lado voltado para o continente quase não havia vegetação e podíamos ver algumas serras ao longe, bem como muitos cabritos e gado pastando.



Veza por outra éramos surpreendidos por alguma placa com dizeres pitorescos. Já havíamos passado por uma escrita “Curralinho” que causou momentos de diversão. No caminho que estávamos fazendo nos deparamos com uma escrita “Barracão Corre Nú” (detalhe do acento agudo no u). Pausa para fotos sensuais sobre

um poste de cimento caído ao lado da placa. Estávamos nos divertindo na estradinha de terra que vez por outra raspava as areias de praias estreitas e cheias de pedras.



O joelho da nossa colega triatleta não suportou o esforço de tantas pedaladas. Reclamava de dores fortes com mais frequência e, antes que o sofrimento aumentasse, tomou uma decisão muito acertada: deixar o grupo e pegar uma condução até Aracaju para se tratar. Todos contavam com a recuperação dela para que pudesse seguir viagem conosco de Aracaju a Maceió. Assim fizemos. Em Praia Sítio do Conde acertamos uma condução, que incluía o transporte da bicicleta, até a capital de Sergipe, onde seria recebida por parentes de outra colega do grupo. Despediu-se de nós com uma missão: encontrar pousada para todo o grupo em Aracaju, visto que chegaríamos por lá no dia do aniversário da cidade, quando a realização de inúmeros eventos poderia comprometer a nossa hospedagem por falta de vagas nos hotéis.

Perto de uma localidade chamada Barra da Siribinha, cruzamos com um grupo de ciclistas do Eco Pedal Sítio do Conde. Estavam a caminho de um encontro com ciclistas que vinham numa cicloturagem no sentido contrário ao nosso e que todos os anos, no mesmo período, pedalavam por aquelas localidades. Paramos pouco tempo para conversar e tirar fotos e seguimos juntos pelo mesmo caminho em direção à foz do rio Itapicuru, local onde faríamos a travessia para seguir viagem e eles encontrariam os companheiros que vinham de Juazeiro.



Chegamos a Siribinha, distrito de Conde, por volta das 10h estrilando nossos apitos em cortejo pela pequena vila. Cada habitante que víamos no caminho era cumprimentado e respondia feliz aos nossos bons-dias. Paramos em uma pequena praça arborizada, em frente à Escola Municipal Sagrada Família. Vimos que alguns alunos da escola apareceram nas janelas da sala quando estávamos chegando e resolvemos dar uma espiada.



Era hora do recreio e todos os alunos brincavam dentro da única sala daquela escola, enquanto a professora corrigia trabalhos. Uma turminha com crianças na faixa dos 9 a 11 anos, e eram muitos. Então aconteceu aquele momento mágico de entrelaçamento de almas que resultam no aconchego do coração e do espírito. Aquele momento que mereceu ser vivido e que jamais será esquecido. Nós do lado de fora da sala, os aluninhos do lado de dentro e começamos a conversar.

– Qual o seu nome?

- Estela.

- Estela vem de estrela, lindo não é?

- Tio, meu nome é Lucas.

- Lucas, de São Lucas, que contou a vida de Cristo.

- Meu nome é Clara.

- Eita, Clara de claridade, de luz. Você é iluminada.

Bastou um momento de brincadeira com nomes para reunir toda a turminha nas janelas. A cada nome uma tentativa de interpretação.

- Meu nome é Ivã.

- Sim Ivã foi um Czar da Rússia que conquistou muitas terras.

As crianças mais tímidas também foram se chegando.

- Qual o seu nome?

- O nome dela é Luíza tio. Ela quase não fala.

- Luíza é o feminino de Luiz, nome de muitos reis franceses. Legal né! Já pensou? Luíza poderia ser uma rainha aqui em Siribinha.

- Aquela é a Clareana. Não sorri e vive com a mão na boca.

- Clara é de claridade e Ana foi a mãe de Maria, avó de Jesus. Então Clareana é a iluminada avó de Jesus.



Risos gerais! Aqueles sorrisos que surgiam nas faces faceiras das crianças a cada brincadeira dava vontade de agarrar de alguma maneira e guardar em algum lugar bem especial, junto ao coração talvez, para serem vistos pelos restos de nossas vidas.

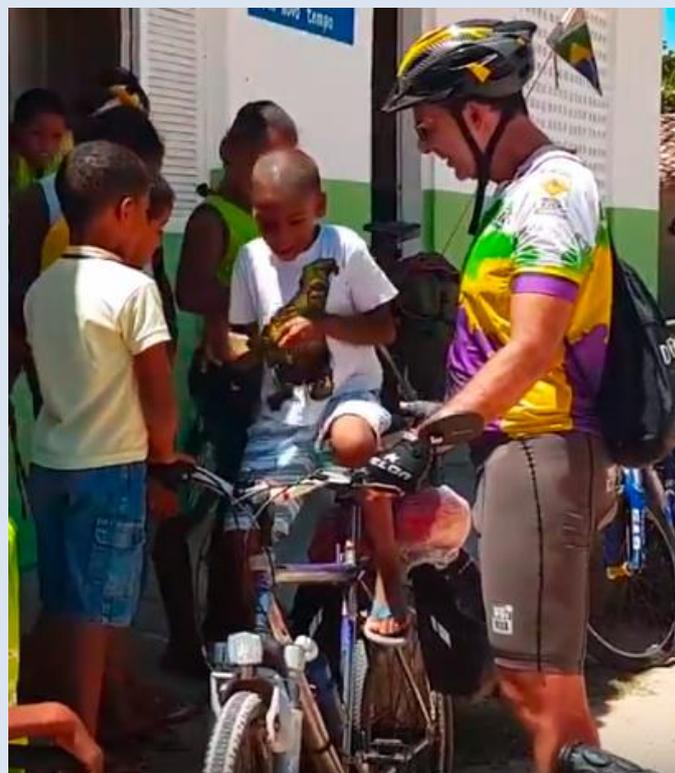


A professora deixou que entrássemos na sala e vimos que estavam trabalhando com o tema “circo”. Os aluninhos nos falaram sobre palhaços e domadores, figuras que haviam estudado no primeiro horário, antes do recreio. Após o lanche estudariam os malabaristas e os trapezistas. Nós falamos da nossa viagem e das

bicicletas. Da importância do veículo nas cidades para uma vida saudável e para o desafogo do tráfego.



Ainda houve tempo para mostrar as bicicletas para alunos maravilhados com nossos equipamentos: os alforjes nas garupas, as luzes piscantes, as garrafinhas de água, as marchas e freios e cabos e pedais. Vários tiraram fotos montados nas bicicletas.



Partimos dali com a sensação que a vida é bela e que ainda faríamos contato com aquela escola, ainda que fosse naqueles momentos intimistas de resgate das nossas memórias. Pedalamos uns poucos quilômetros junto com o pessoal do Eco Pedal até o ponto de travessia do rio Itapicuru. Lá nos despediríamos do grupo amigo e seguiríamos para Mangue Seco.

Alugamos, com o dinheiro do CU, três pequenos barcos com motor de popa para fazer a travessia do rio Itapicuru. Alguma dificuldade para acomodar as bicicletas com seus alforjes pesados e muita dificuldade para sentar no que sobrava de embarcação. Fomos todos muito espremidos entre aros e quadros de bicicletas pela margem direita do rio, até o ponto da travessia para a margem esquerda.



O desembarque transcorreu sem problema algum e logo enfrentamos uma subida íngreme, onde tivemos que empurrar nossas bicicletas com muito esforço. Enquanto subíamos os borrachudos se aproveitavam do nosso sangue, sem cerimônia. Foram momentos tensos os daquela subida por uma trilha estreita e de areia fofa, mas logo em seguida isto seria mais que compensado. Terminou a subida e novamente passamos a pedalar por uma estradinha de terra margeando o rio Itapicuru.

Paramos em um pequeno bar para recarregar as baterias e soubemos de um local onde poderíamos tomar um banho de rio inesquecível. O nome do local era Cajueiro e poderíamos ir a pé mesmo dali do bar até lá.

Deixamos as bicicletas aos cuidados do gentil proprietário do bar e fomos conferir a informação. Cruzamos uma cerca de arame e descemos uma ribanceira até uma espécie de piscina formada dentro de um curso d'água. Havia pessoas lá tomando banho. Cada mergulho que davam era uma gargalhada. Fomos conferir...

Que banho maravilhoso aquele. Água quente e límpida. Os raios do sol penetravam na água desenhando efeitos interessantes. Colocando nossas cabeças entre o sol e a água, víamos auras azuis emanando do reflexo de nossos rostos. Ficamos ali no Cajueiro quase uma hora antes de reiniciar nossa jornada, agora não mais pela praia, mas por uma estrada de terra empoeirada e cheia de costelas.



Passamos por trechos de estrada em construção e vimos gaviões junto a alagadiços, além de muitos fatos pastando preguiçosamente e nos encarando ao nos ver passar. A estradinha seguia entre cercas de pau a pique até chegarmos a uma localidade com um enorme areal distante uma légua (6 quilômetros) da pequena vila de Mangue Seco. Não era mais possível seguir pedalando. Ou faríamos o trajeto até a vila empurrando as bicicletas, ou teríamos que encontrar um jeito de pegar carona em alguns buggys estacionados junto a um bar.



Negociamos com os bugueiros e o resultado foi o melhor possível para nosso grupo. Conseguimos contratar quatro buggys para carregar as oito bicicletas pelos 6 quilômetros que restavam até Mangue Seco. Amarramos as bicicletas da forma que era possível nas capotas e num compartimento atrás dos bancos traseiros, e lá fomos nós em caravana de buggys areal adentro.



Passamos por uma vila muito pequenina, todinha dentro do areal. Nenhuma calçada ou rua entre as casinhas brancas, somente areia. A gente ia se deliciando com a paisagem que misturava coqueiros, casinhas, vegetação rasteira, rio e mar, enquanto os bugueiros exerciam suas habilidades para nos arrastar pelas trilhas sobre a areia fofa.

O primeiro buggy da caravana atolou no meio de uma subida e foi necessário ser puxado por outro buggy que havia passado por uma trilha lateral. Fora isso, nenhum outro incidente até a nossa parada em um estacionamento com entrada para uma longa calçada de tijolinhos coloridos e cerca de madeira beirando o rio Real.



Do outro lado da calçada passamos por várias pousadas e restaurantes. A calçada se estende por vários e vários metros, até terminar na entrada de um restaurante de pousada, num ponto em que é possível vislumbrar a igreja simples do lugar.



Mangue Seco mais parece um pedaço do paraíso na terra. Acompanhamos o por do sol de uma posição privilegiada, já que foi possível vê-lo descer refletindo seus raios por um trecho do rio Real entre o sol e nossa visada a partir da calçada de tijolinhos coloridos. Enquanto a Diretoria de Pousada corria para encontrar a que correspondesse à condição de “mais em conta / mais aprazível”, o restante do grupo logo tratou de encontrar um local para o jantar.



Após um giro pela pequena vila, a Diretoria de Pousada trouxe a escolha: Pousada Fantasia do Agreste, situada na mesma praça coberta de areia da igreja e do Shopping Mangue Seco, o único com ar-condicionado natural.

O prédio da pousada (em madeira, com troncos envernizados) e a disposição dos quartos (em volta de um jardim com palmeiras, muitas plantas e quiosques cobertos de palha, com cadeiras para descanso) dão um ar de rusticidade caprichosa, que causa bem estar nas pessoas que por lá transitam.

Naquele dia não havíamos pedalado pela beira da praia e não foi necessário lavar as bicicletas. Decidimos contratar uma pessoa do lugar para lavar as nossas roupas, dando folga também à “equipe da lavanderia”.

O jantar em Mangue Seco foi à base de frutos do mar — moquecas de peixe e de camarão — acompanhadas por cerveja e caipirinha. Durante o jantar, decidimos ficar o dia 16 de março em Mangue Seco aproveitando a natureza do lugar. Esta estada talvez custasse um dia de viagem bem puxado mais adiante, mas nós quisemos assumir o risco. Fomos para nossos quartos dormir o sono dos justos, com lembranças gostosas daquela escola em Barra da Siribinha.

## Dia 5 – 16 de março Mangue Seco

Oito horas e todos nós já estávamos reunidos para o café da manhã em Mangue Seco.

Contratamos um passeio de lancha até a Praia do Saco, que fica do lado de Sergipe. Na saída da pousada em direção ao cais, vimos o Recanto Dona Sula, uma sorveteria que é famosa por pertencer a uma prima de Jorge Amado.

Chegamos a um pequeno cais, situado a poucos metros da pousada, logo abaixo da calçada de tijolos coloridos, e pegamos a lancha. Paramos nas ilhas da sogra e do sogro para um banho de mar e todos notaram que a temperatura da água havia subido um pouco em relação à temperatura da água nas proximidades de Barra do Itariri.



No caminho que estávamos fazendo de lancha até a Praia do Saco, dava para ver a destruição que o avanço do mar causou a algumas casas.

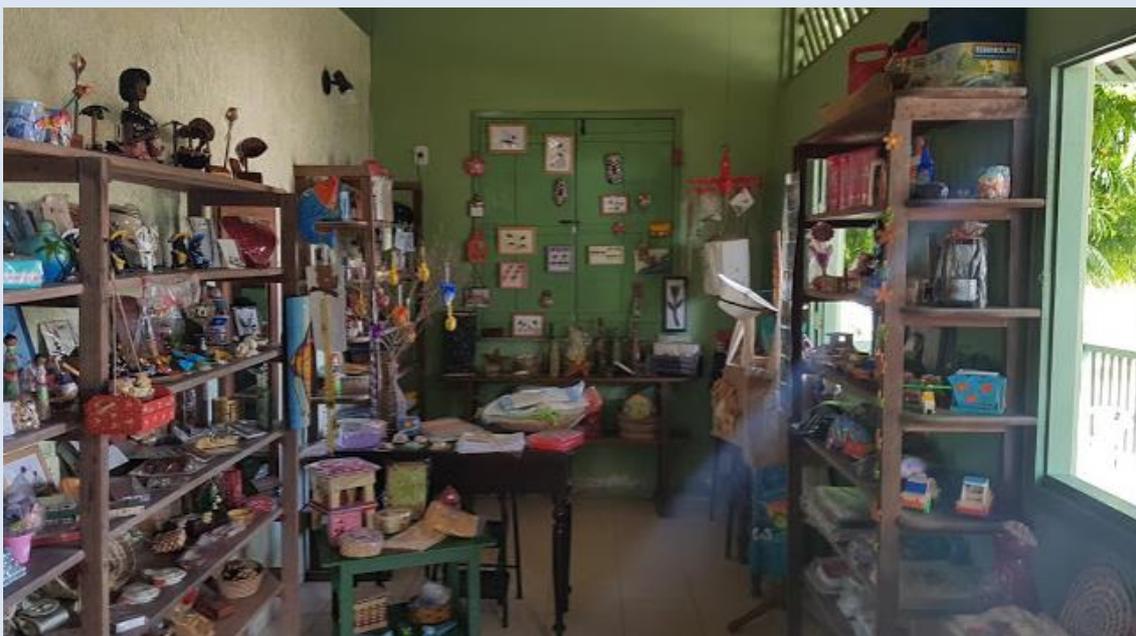
E havia os golfinhos. Corcoveavam perto de nós, na certa atrás de algum cardume que passava pela foz do rio. Hora apareciam à direita da lancha, hora à frente. Mudavam de posição constantemente bem perto da nossa embarcação parecendo não se importar com nossa presença e nem com o barulho do motor. Do nosso ponto de vista, os pequenos cetáceos estavam brincando conosco, muito embora soubéssemos que empreendiam incessante jornada em busca de alimento.

Chegamos à Praia do Saco e nos acomodamos em um restaurante de praia, sob pequenas choupanas de madeira e palha, com mesas e cadeiras também de madeira. Conhecemos dona Railda, uma cantadora de ciranda e embolada muito alegre, que vende doces e uma deliciosa “moqueca de siri”, dentro de folhas de bananeira. Percebendo nosso interesse, dona Railda nos deu várias mostras de canções que conhecia das festas que frequentava quando era mocinha.



Retornamos a Mangue Seco a tempo de tomar um sorvete no Recanto Dona Sula, comprar lembrancinhas no Shopping Mangue Seco e exercitar a fé em orações pelo sucesso da nossa empreitada na igreja simples do lugar. Tivemos novamente o privilégio de ver o estonteante por do sol daquele cantinho do litoral norte da Bahia.





Não foi necessário comprar mantimentos para preparar o café da manhã do dia seguinte. A pousada gentilmente nos garantiu o desjejum a partir da 5h.

No jantar, durante a preleção, ficamos sabendo das condições do trecho até Aracaju, nosso próximo destino. Pedalaríamos cerca de 70 quilômetros a partir da Praia do Saco, ou seja, faríamos o trecho de Mangue Seco até Praia do Saco de barco. Nós e nossas bicicletas. Iríamos todo o tempo por estrada asfaltada.

## Dia 6 – 17 de março Mangue Seco - Aracaju

Quatro, cinco, seis. Cumprimos todo o ritual dos dias anteriores e tomamos um café da manhã bem sortido preparado pela pousada. Depois nos ajeitamos para tirar fotos em frente à pousada Fantasias do Agreste. Em nossa oração pedimos pela saúde da nossa colega em tratamento do joelho.



O tempo estava firme, poucas nuvens no céu e a promessa era a de um sol de rachar. Fomos até o cais com nossas bicicletas para o embarque, que durou mais tempo que o esperado. Tempo para fazer um balanço sobre as condições das bicicletas.

Havia uma bicicleta com raios frouxos, outra com freios desregulados, uma com os freios a disco falhando e outra com o bagageiro torto. Seria conveniente uma revisão mais especializada destas bicicletas, que poderia ser feita em Aracaju. Então acertamos de ficar ao menos um dia em Aracaju dando tempo para a revisão das três bicicletas e para a melhor recuperação de nossa colega, que por sinal conseguiu reservar quartos em um bom hotel da cidade.

Embarcamos as bicicletas e nos acomodamos como foi possível nas duas pequenas lanchas que contratamos para nos levar até a Praia do Saco.



Já no nosso destino, na beira da praia, tivemos mais um pneu furado para consertar e um raio partido que não conseguimos retirar. Damos um jeito de entortá-lo trançando com outro raio inteiro. Tudo resolvido e partiu!



Pegamos a SE 100 e passamos por trechos ladeados por dunas e entre terrenos repletos de coqueiros. Estrada plana e com acostamento descuidado. Por vezes, era necessário pedalar longos períodos pela estrada de rodagem, competindo com os carros. Uma chuvinha fina nos apanhou de jeito, refrescando nossos corpos do calor úmido daquele 17 de março.



Um pneu furado nos levou a encontrar um dos locais mais aprazíveis da nossa viagem, uma verdadeira boa surpresa. Procurávamos um local para parar e trocar um pneu perto de uma localidade chamada Lagoa dos Tambaquis. Entramos em um restaurante e nos deparamos com uma espécie de piscina natural dentro de uma lagoa repleta de tambaquis.

Havia pequenas barraquinhas cobertas de palha dentro da lagoa, com banquinhos pra gente se sentar. Entramos todos nas águas doces e quentes enquanto os peixes nadavam sem cerimônia entre nós. Eram enormes e mansos; podíamos tocá-los e eles frequentemente esbarravam em nós.



O restaurante vendia pequenos saquinhos com iscas para os tambaquis e alguns de nós alimentamos os peixes. Que sensação gostosa aquela de estarmos

rodeados por peixes grandes e escuros destemidos de nós seres humanos, numa espécie de consagração da harmonia entre espécies.

Ficamos um bom tempo ali naquele restaurante, que, por sinal, vendia um pastel de camarão bem gostoso.



Consertamos o pneu furado, mas parece que algo ou alguma coisa queria que ficássemos ali por mais tempo. Ao encher o pneu de outra bicicleta, o ar começou a vazar sem controle pelo pito. Resultado, a necessidade de trocar outro pneu. Mais alguns bons minutos junto aos tambaquis e pastéis de camarão.

Voltamos a pedalar pela estradinha plana até uma localidade próxima à Praia da Caueira, onde paramos em um restaurante de posto de gasolina para nos abastecermos com água e utilizarmos os banheiros. O sono que se abatia sobre nós causou situações hilárias, como o susto que deram no colega que não conseguia manter as pestanas abertas. O susto foi tão grande que ele derrubou o capacete no chão, com estardalhaço.



Chegamos à ponte sobre o rio Vaza Barris, que divide o município de Itaporanga D´Ajuda e Aracaju, por volta das 11h. Havia uma competição de ciclismo em comemoração ao aniversário da capital sergipana, comemorado no dia 17 de março. Aracaju faria 163 anos, contados desde o dia em que Inácio Joaquim Barbosa apresentou o projeto de elevação do povoado de Santo Antônio de Aracaju à categoria de cidade e a transferência da capital da província para esta nova cidade.



Além de ser a capital com menor desigualdade do nordeste, Aracaju é a cidade brasileira com hábitos de vida mais saudável e exemplo entre as cidades que consideram as ciclovias nos projetos de deslocamento urbano.

Cumprimentávamos cada ciclista competidor que passava por nós e rolava uma espécie de cumplicidade: nós sabíamos do esforço que faziam para seguir na competição e estávamos seguros que eles sabiam do nosso esforço para chegar a Maceió, partindo de Salvador, principalmente ao ver nossas bicicletas robustas com alforjes e bandeiras.

Seguíamos sobre a longa ponte do Vaza Barris sabendo que ainda faltavam cerca de 30 quilômetros até o centro da cidade pela orla Por do Sol. Pedalamos lentamente pela ciclovia beirando a praia e paramos no Meu Bar para saborear uns aperitivos. Caipirinhas e cervejas, caranguejo, caldo de peixe e amendoim foram consumidos sem moderação e com enorme prazer.



Além do tiburão nas águas quentes do mar do litoral sergipano, aproveitamos o banho de água doce sob os chuveiros para banhistas postos ao lado do bar sobre as areias da praia. O formato de bica dos chuveiros colocados no alto de uma parede de azulejos brancos decorados com listras verticais repleta de desenho de flores do campo serviu de pano de fundo para poses engraçadas devidamente registradas nas fotografias.



Aqueles momentos no Meu Bar, além de prazerosos, ficaram guardados na memória como o último bastião conquistado pelos aventureiros da bike, antes da chegada a Aracaju.

Saímos do Meu Bar e novamente pegamos a ciclovia que beira o litoral até a capital de Sergipe. Íamos em fila indiana, todos agrupados, numa velocidade confortável. Era início da tarde e o céu azul intenso, o verde do mar e o brilho do sol nos faziam companhia.



Já avistávamos os prédios mais altos da beira-mar quando, na nossa frente, um rapaz com um triciclo de vender sorvete, sem acordo prévio, achou de nos conduzir. O rapaz se esforçava para manter a velocidade em um equipamento pesado, sem marchas e com pneus muito tortos. Dava para ver o esforço que fazia pedalando de chinelos e sem qualquer proteção. Divertimo-nos com a situação; cada pedalada nossa equivalia a umas cinco pedaladas dele. O nosso inesperado condutor parecia estar se divertindo bastante e, com sorriso largo, nos deixou ultrapassar quando a ciclovia já ladeava os prédios altos que víamos momentos antes.

Entramos na cidade com o espírito dos conquistadores que se veem próximos dos seus objetivos: ansiosos, cansados e felizes. O sol ainda brilhava forte no céu azul intenso quando paramos para fotos em frente aos arcos e ao nome da cidade em letras gigantes, que ficam no meio de uma praça na beira-mar.



Logo depois, chegamos ao hotel onde ficaríamos e fomos recepcionados pela nossa companheira de viagem que, dois dias antes, precisou deixar o grupo para tratar o joelho machucado. O hotel nos reservou um espaço na garagem subterrânea para guardar as bicicletas. Neste dia não foi preciso lavá-las. Folga também para as equipes do café da manhã e da lavanderia.



Fomos aos nossos quartos para acomodar nossas exíguas bagagens e nos encontramos na piscina na varanda da frente do hotel. Ficamos ao menos duas horas mergulhando, conversando e relaxando.



A família de uma de nossas companheiras de viagem é de Aracaju e foi nos encontrar para, juntos, irmos jantar. O pai, o irmão e a cunhada da nossa colega já haviam recepcionado nossa companheira do joelho machucado, orientando-a sobre como encontrar um local para o tratamento e hospedagem.



A orla de Aracaju tem muitas opções de bares e restaurantes e escolhemos uma churrascaria para jantar, para o desespero de dois de nossos companheiros de aventura, ovo-lacto-vegetarianos. No fim, saíram todos satisfeitos; a churrascaria tinha boas opções para substituir a carne.

## Dia 7 – 18 de março Aracaju

A manhã ensolarada do dia 18 de março nos convidava para passear e curtir Aracaju. Encontramo-nos para o café da manhã às 8h no restaurante do bom hotel em que ficamos e combinamos nosso dia.

Com aquela diretriz de que formávamos um grupo que não se dispersa, mesmo não estando montados nas bicicletas, naquele domingo foi preciso combinar algo diferente.

Com a ajuda do irmão sergipano de nossa colega de viagem, contratamos os serviços de uma oficina para consertar quatro de nossas bicicletas. Logo após o café da manhã parte do grupo acompanhou o transporte das bicicletas até a oficina, feito numa pick-up apropriada.



Raios frouxos ou quebrados, garupa torta e mal instalada e freios a disco comprometidos foram reparados.



Outra parte do grupo também se dividiu em passeios pela orla, banho de mar e visita a um posto do Projeto Tamar e compras de lembrancinhas.



Foi um dia de descanso para recarregar as baterias e colocar os músculos para relaxar, principalmente os glúteos.

Os grupos divididos foram almoçar cada um em um lugar diferente e ficamos assim, separados, durante toda a tarde. Só voltamos a nos reunir no início da noite para um jantar na mesma churrascaria do dia anterior: Sal e Brasa. O que é bom a gente repete.



Encerramos a noite passeando juntos pela orla em frente ao hotel, tirando fotos e ouvindo um cantor que se apresentava cantando xotes num pequeno shopping à beira mar.

## Dia 8 – 19 de março Aracaju - Pirambu

Cinco, seis, sete. Acordamos um pouco mais tarde naquele 19 de março e cumprimos novamente o ritual dos dias anteriores. O destaque do dia foi o café da manhã bastante sortido fornecido pelo hotel, com iguarias nordestinas em abundância, como cuscuz, tapioca e batata doce.



Durante o café os já tradicionais comentários acerca do trecho a ser percorrido. Iríamos até Pirambu, uma localidade praieira situada a uns 43 quilômetros da capital sergipana. Iríamos a maior parte do caminho pela areia da praia, beirando o mar.

Partiu... Saímos com as bicicletas pela garagem e nos postamos para as fotos em frente ao Hotel da Costa. Fizemos nossa oração de costume e atravessamos a rua que faz a divisa com o calçadão à beira mar.



Levamos um susto daqueles quando uma de nossas colegas atravessou pela faixa de pedestre montada na bicicleta e na frente de um ônibus que estava parado para pegar passageiros. Diferente de Brasília, não é sempre que os motoristas de veículos param para os pedestres atravessarem. Além disso, nossa colega deveria ter descido da bicicleta para atravessar a rua, como recomenda a regra para ciclistas. Ocorreu que um automóvel a certa velocidade passou pela lateral do ônibus e não freou em respeito à faixa de pedestre. Tirou um fino da nossa colega, que não havia percebido o carro vindo por trás, e passou rápido pela lateral do ônibus estacionado.

Após o susto de nossa colega, que só alguns de nós vimos, atravessamos a rua para pegar a ciclovia que beira a praia e o Rio Sergipe dentro de Aracaju, naquele dia uma senhora um pouco mais velha, com seus 163 anos completados.



No trajeto pela ciclovia passamos pelo Largo da Gente Sergipana, onde estão montadas representações folclóricas sergipanas: Lambe-Sujo e Caboclinhos, Chegança, Cacumbi, Taieira, Bacamarteiro, Reisado, São Gonçalo e Parafuso. Paramos para fotos diante de esculturas enormes e muito bem feitas, com placas que comunicam o significado da representação.



Em seguida, paramos na Ponte do Imperador Dom Pedro II, atração turística da cidade e que, na verdade, é um ancoradouro construído em 1860 para receber o então imperador e sua comitiva durante uma visita a Aracaju. Segundo relatos, a “ponte” era de madeira, mas foi reformada em dois momentos e hoje é feita de alvenaria. Simbolizando a cultura sergipana, duas esculturas de índios são sustentadas por dois torrões. A partir de 1923, os primeiros voos, feitos em hidroaviões, pousavam perto do ancoradouro, usado para receber os tripulantes. Mais uma parada e mais fotos.



Pedalamos mais alguns metros e fomos visitar o Mercado Municipal Maria Virgínia Leite. Chegamos bem cedo com os empregados ainda arrumando as pequenas lojas que vendem um pouco de tudo: artesanato, comidas, filtros de barro, tigelas, potes, bijuterias, brinquedos, flores e muito mais. Então experimentamos o tal beiju molhado, uma iguaria feita com massa de tapioca, sem recheio, regado com leite de coco com um pouco de sal e açúcar. A dica da nossa colega sergipana, que tem o costume de comer desde que era criancinha, não agradou a todos os paladares, talvez por ser um pouco azedinha.



Sáimos do mercado quando a cidade grande já exalava seus cheiros e emitia seus barulhos. Logo na saída, ainda no estacionamento do mercado e junto a uma espécie de rodoviária de ônibus urbanos, um sujeito nos abordou. Vimos que ele

era um flanelinha que atuava no estacionamento. Estávamos parados aguardando a abertura do sinal de trânsito para atravessar uma rua movimentada quando ele foi se chegando muito sorridente e balançando os braços sem parar. Na sua singela humildade ele nos cumprimentou e perguntou para onde estávamos indo. Disse ser entusiasta da bicicleta e nos presenteou com uma bandeirinha do Brasil, que foi presa na haste que sustenta a bandeira do líder do nosso grupo. A bandeirinha do Brasil ficaria ali hasteada até o final da nossa viagem.

Após este episódio, atravessamos a ponte João Alves sobre o Rio Sergipe, em direção à Barra dos Coqueiros, com sua enorme estátua de caranguejo na entrada. Tiramos muitas fotos nas garras da fera gigante de cimento e, logo depois, fizemos uma pequena parada técnica para recarregar as energias com água de coco e um banho de mangueira. O sol já estava queimando nossos corpos.



Com a maré baixa, partimos pelas areias compactas da Barra dos Coqueiros, por dentro da Área de Proteção Ambiental Litoral Norte. O mar sempre à direita e uma fina faixa de coqueiros à esquerda delineavam uma estrada bastante larga, que propiciava uma pedalada suave e sem muito esforço. Andamos muito tempo um paralelo ao outro, cantarolando o “Já pintou verão...”.



Na praia do Jatobá passamos por baixo de uma estrutura de concreto dotada de um mecanismo de esteiras para carga de mercadorias a granel em navios que param no Porto de Sergipe. Havia gente lá fazendo festa ao redor de um carro velho com o som nas alturas. Paramos alguns minutos, tiramos fotos e logo seguimos adiante, passando ao lado de silos da Votorantim e de um parque eólico.



Percebemos que a vegetação havia mudado logo adiante do parque eólico. Os coqueiros deram lugar a uma vegetação rasteira e podíamos enxergar bem ao longe pra dentro do continente.

Paramos várias vezes para tirar fotos. Alguns elementos inusitados serviram para completar o cenário: uma canoa colorida sobre as areias, um grupo de pescadores com sua enorme rede de arrastão, uma lagoa grande perto da praia.



Algumas pessoas passavam por nós em suas motos barulhentas. Ninguém a cavalo. O animal que nos transportou por séculos pelas praias não tem mais lugar nesse mundo tecnológico de produção em massa de artefatos de baixo custo.

Nós estimamos que andamos uns 20 quilômetros pela praia, até sairmos das areias em direção à estrada por conta da impossibilidade de atravessar o Rio da Prata, já em Pirambu. Carregar as bicicletas por pequenos trechos de areia muito fofa não nos incomodava tanto quanto nos primeiros momentos da cicloturagem. Havíamos aprendido como fazer.



Na estrada, passamos por uma pequena ponte sobre o Rio da Prata com resguardo branco, todo pintado com flores e animais coloridos. Em seguida, passamos por dentro da pequena cidade e voltamos à beira da praia, onde procuramos um restaurante para fazer uma refeição mais reforçada. Encontramos o restaurante Pirambeza aberto, já sem cliente algum, mas que se dispôs a preparar um almoço à base de frutos do mar e carnes para aqueles de nós alérgicos a iguarias como camarão e caranguejo.



Havia umas redes debaixo de choupanas bem em frente ao restaurante e já nas areias da praia. Lá descansamos um pouco, antes de ir à pousada Pirambu Residence, um local muito simples, com os quartos montados em casinhas brancas com telhado colonial. Cada casinha possuía dois quartos, sendo um de casal e outro de solteiro, com duas camas. Um banheiro e uma saleta completavam o ambiente.



Naquele dia voltamos à rotina de lavar bicicletas e roupas. A repetição das tarefas trouxe aperfeiçoamentos aos processos, diminuindo o esforço e o tempo que levamos para nos desvencilhar das nossas obrigações. Os equipamentos mais importantes de nossa jornada, nossas bicicletas, estavam todas muito bem ajustadas. Nenhum ranger de engrenagens, estalos ou chiados em peças como pedais, raios, aros, freios, correntes e marchas.

Já era noitinha quando saímos para lanchar caminhando pelas ruas de Pirambu. Então nos deparamos com uma placa sobre um poste ao lado de uma estrutura muito precária de madeira coberta com palha em frente a uma casa bem simples, algo que parecia ser um bar. Havia gente lá bebendo e falando alto, mas a placa foi que nos chamou a atenção. Nela estava escrito: Corre ou Morre. Todos voltaram da viagem, então...



## Dia 9 – 20 de março Pirambu - Pontal do Peba

Quatro, cinco, seis. Voltamos à rotina de acordar com as galinhas. Preparamos as bicicletas, pegamos nossas roupas e sapatos nos varais do fundo da pousada e fomos tomar nosso café da manhã no amplo restaurante que ocupava um dos vários ambientes do local.



Nas explanações pré-pedal soubemos que iríamos até Pontal do Peba, já nas Alagoas. Seriam quase 100 quilômetros de estrada naquele 20 de março; o trecho mais longo que percorreríamos. Havia a expectativa de chegarmos à noite, então tivemos o cuidado de, na noite anterior, colocar para carregar as baterias das lanternas das bicicletas.

Poses para fotos em frente à pousada Pirambu Residence, oração ecumênica e partiu... Chegamos à beira da praia com maré ainda alta. Não daria para pedalar pela faixa de areia fofa que restava entre o mar e a terra. Resolvemos esperar baixar um pouco a maré num observatório para salva-vidas que mais parecia uma casinha de boneca, feito de madeira pintada de azul e amarelo, decorado com pranchas de surf e flores pintados sobre a madeira.



Ficamos cerca de uma hora aguardando a maré baixar, quando vimos um dos mais belos espetáculos da vida. Bem junto ao observatório vimos pequenos seres emergindo da areia fofa dentro de uma minúscula área demarcada com varetas de madeira pintadas e ligadas por cordinhas, entre elas uma estaca com um número escrito. Eram tartaruguinhas-de-pente recém-saídas de seus ovos e já lutando para chegar à superfície. Só dava para ver as patinhas da frente, já que as de trás ainda estavam sob a terra. Todos correram para acompanhar o acontecimento.



Momentos antes havíamos levantado hipóteses sobre os prováveis motivos de ainda não termos visto tartarugas desde a Praia do Forte. Uma das hipóteses é que elas só emergiam de seus ninhos ao cair da tarde, ou à noite. Essa

hipótese foi devidamente destroçada. Bem ali aos nossos pés algumas tartaruguinhas começavam sua jornada pela vida no começo da manhã, com o sol ainda baixo no horizonte.



Acompanhamos a jornada das tartaruguinhas até elas entrarem no mar e serem levadas pelas ondas. Tamar 270 era o que estava escrito na estaca que identificava o ninho. Daquele inesquecível ponto partimos para a nossa aventura do dia com a maré já um pouco mais baixa e a nossa alma lavada. Pedalamos em direção à Reserva Biológica de Santa Isabel, destacada por ser um dos principais sítios do Projeto Tamar, responsável pela liberação de milhões de tartarugas ao mar e por ser uma importante unidade de conservação dos mangues do rio São Francisco. Somente pela reserva pedalaríamos uns 30 quilômetros pela praia.



Não havia coqueiros e nem construções à vista, apenas cabritos pastando em um extenso areal coberto aqui e ali por vegetação rasteira. Por vezes o silêncio era tão grande, que dava para ouvir as engrenagens das bicicletas. Era forte a sensação de mundo vazio e sem limites. Como cada um de nós, cidadãos, respondíamos àquela condição? Estávamos conectados ou desconectados do mundo?



Veza por outra uma moto cruzava nosso caminho, mas nesse 20 de março vimos um senhor montado em seu burrinho cavalgando a beira-mar. O dia estava maravilhosamente azul: o céu azul, o mar azul. As nuvens formavam uma espécie de trilha no céu, acompanhando o território do litoral. Acima do mar era um azul intenso, sem nuvens. Aqui e ali víamos caranguejos maria-farinha correndo de lado. De novo vimos uma pequena canoa toda pintada repousando sobre a areia. No meio da canoa estava escrito seu nome: “Presente de Deus”. Paramos e entramos na canoa para fotos.



Próximo ao rio São Francisco a faixa de areia foi ficando cada vez mais estreita. Tivemos que descer das bicicletas e empurrá-las por um trecho com alguma vegetação, até uma pequena estrada de terra que vai dar no povoado de Saramem.



Andamos pela estradinha de terra até o povoado, onde paramos em um bar para fazer uma refeição. Ao lado do bar, havia uma daquelas coisas que não se vê muito mais hoje em dia: um circo. Um circo de lona com os artistas morando em ônibus antigos. O dia estava quente e nos refrescamos comendo geladinhos<sup>1</sup> comprados num mercadinho de beira de estrada.



---

<sup>1</sup> Geladinho também é conhecido como: chup chup, sacolé, dindim



Dali, daquela localidade do circo de lona, fomos até Brejo Grande, passando por uma estradinha que alternava trechos de terra com trechos de paralelepípedo. Nosso grupo pedalava mais lento e desde o início da jornada daquele dia não tivemos problemas com a distância entre nós dentro do pelote. Em Brejo Grande, preparamo-nos para atravessar o Velho Chico. Estava ficando tarde e o sol estava baixando rapidamente no horizonte.

Pegamos dois barcos pequenos para fazer a travessia. Os barcos saíram margeando o lado sergipano por um bom tempo, até ultrapassar uma espécie de ilha fluvial, quando foi possível enxergar a outra margem do rio: a terra das Alagoas, que teve a origem de seu nome derivado das várias lagoas e rios que cercam a região. Só na capital Maceió são 17 lagoas, entre mais de 30 em todo o estado.



O prazer de atravessar o Velho Chico ao cair da tarde é indescritível. Apesar do homem, a natureza ainda viceja por ali. As barrancas cobertas por vegetação nova dá a sensação que estamos nos conscientizando dos males que já fizemos e continuamos a fazer. Em pouco mais de 20 anos, as águas do mar invadiram quase 30 quilômetros do rio da integração nacional, alterando o ecossistema e eliminando os cardumes de peixes de água doce que por ali transitavam. Ainda se pesca por aquela região, mas peixe de água salgada. Vimos fotos que mostram como o mar alterou a geografia da foz do rio em pouco mais de duas décadas. São visões que impressionam.



Do lado das Alagoas, paramos em Piaçabuçu, cidade que possui um porto bem conservado, com balaustrada pintada de branco, que separa a beira do rio do calçamento de blocos de cimento. Ali, tomamos água de coco sentados na balaustrada e decidimos que ficaríamos um dia a mais em Pontal do Peba para aproveitar um passeio de barco pela foz do rio São Francisco. Naquele mesmo momento entramos em contato com uma companhia de turismo da região para acertar o passeio. Sairíamos na manhã seguinte de Pontal do Peba de volta a Piaçabuçu em uma van alugada, sem as bicicletas.



Faltavam ainda uns 20 quilômetros até o destino. Um de nós, com parentes nas Alagoas, conhecia bem a região e sabia de uma pousada bem agradável no Pontal: a Chez Julie. Este conhecimento seria crucial para não perdermos tempo precioso na busca por pousadas, ainda mais que a previsão de chegada ao nosso destino daquele dia era por volta das 19h e, como sabemos, naquele ponto do nordeste o sol se põe por volta das 18h00, bem mais cedo do que em Brasília.

No bar em que paramos, ouvimos recomendações para termos cuidado com assalto na beira da pista. Ligamos nossos alertas biológicos e modulamos para intensidade alta: olhos e ouvidos os mais abertos e atentos possível.

Sáímos de Piaçabuçu serpenteando pela pequena cidade seguindo pela rua principal com calçamento de paralelepípedo, até chegarmos à boa pista asfaltada da AL 101. Pedalamos em fila única pelo acostamento, já com nossas lanternas acesas e uma escuridão de dar arrepios. Se a pista asfaltada era boa, não podíamos dizer o mesmo do acostamento. Apesar de existentes, em muitos lugares o mato avançava deixando-o encoberto e nos forçando a desviar por dentro da pista de rolagem dos veículos. Um perigo e tanto para nosso grupo de aventureiros.

Chegamos ao Pontal do Peba por volta das 19h20 e entramos na primeira pousada que avistamos e não era a Chez Julie. Havia um restaurante e conversamos com os proprietários sobre a possibilidade de ficar por ali mesmo. Mas a pousada estava sem empregados para limpar os quartos e nos atender.



Apesar das recomendações de quem conhece bem a região, a responsável pela Diretoria de Pousada insistiu em procurar outras opções. Também intempestivamente, resolveu sair só para realizar a tarefa. Foi necessário que dois membros do grupo corressem para alcançá-la e tentar demovê-la da tarefa, algo que não aconteceu. Naquele momento e naquelas condições, o melhor foi deixar rolar. Estávamos cansados e não seria conveniente iniciar uma diatribe bem ali no ponto mais ao sul do litoral alagoano. Foram minutos preciosos perdidos, até que ela se convenceu que o melhor seria seguir as recomendações do companheiro e se deixar guiar até a pousada.

O caminho até a pousada é pela beira da praia e no trajeto avistamos um restaurante, onde encomendamos o jantar daquela noite. No pátio interno da pousada, lavamos as roupas e as bicicletas. Sem uma mangueira, foi necessário encher vários baldes com água doce em um tanque não muito próximo ao local da lavagem. Um esforço a mais naquele que havia sido o dia onde mais pedalamos. Em seguida tomamos um banho e saímos a pé pela beira da praia até o restaurante onde havíamos encomendado o jantar. O dia seguinte seria de passeio e não de viagem.



## Dia 10 – 21 de março Pontal do Peba

Eram oito horas da manhã e já estávamos todos acordados, tomando nosso café e acertando o transporte que nos levaria a Piaçabuçu para o passeio pelo delta do São Francisco que havíamos acertado no dia anterior. Enquanto o transporte não chegava, ficamos na piscina da pousada relaxando. O dia 21 de março estava ensolarado e quente.



Chegamos a Piaçabuçu já perto da hora do almoço. Conhecemos o mercadinho do Terminal Turístico e almoçamos em um restaurante que serve as mesas num espaço arejado à beira do rio, de onde é possível ver diversas embarcações fundeadas.



Em seguida, dividimo-nos em dois grupos para o passeio. Um grupo foi de barco até bem perto da foz do Velho Chico, onde parou junto a uma imensa duna para um banho e aguardou pelo outro grupo, que partiu de buggy para conhecer a região das dunas, com direito a experimentar o esquibunda, estranha, porém gostosa maneira de descer uma duna sentado numa prancha de madeira.



Do barco é possível ver que diversas pequenas ilhas dentro do Velho Chico estão cobertas por espessa vegetação, assim como suas margens. Soubemos que isto já é reflexo do trabalho de revitalização das barrancas do rio. Parece que, naquele pedaço de mundo, o ser humano está tentando entrar em acordo com a natureza, deixando-a vicejar para dar testemunho de nossa civilidade.

Do ponto de parada do barco, é possível avistar o exato local do encontro do São Francisco com o mar. Soubemos que, não faz muito tempo, o Velho Chico expelia suas águas doces com força tal que, visto do alto, era possível perceber uma “língua” de sedimentos penetrando mar adentro por centenas e centenas de metros.

Sergipe, na outra margem, por conta do desequilíbrio de forças, perdeu muitos metros quadrados de área para o mar, que, a cada dia que passa, empurra mais e mais as águas do rio para dentro da foz e invade território sergipano. É possível avistar um farol que outrora ficava em terra firme no lado sergipano e que hoje está completamente cercado pelas águas do mar.

Os que iniciaram o passeio no buggy chegaram ao ponto de encontro na foz do rio cerca de meia-hora depois da chegada do barco. O grupo que veio no barco aproveitou o tempo mergulhando nas águas da foz, experimentando um pouco da correnteza, com cuidado para não serem carregados por ela.

Reunimo-nos para ouvir do guia do passeio sobre a degradação daquela região, que recrudescer nos últimos 20 anos, causada, principalmente, pela construção de barragens para hidrelétricas. As barragens “retiram” a força do rio, que acaba perdendo sua luta contra o mar. O guia mostrou fotos tiradas quando o farol ainda podia ser visto em terra firme. Mostrou fotos do antigo povoado do Cabeço, que foi completamente invadido pelas águas do mar. O cemitério do lugar, que ficava a 300m do farol, hoje está coberto pelo mar, a quase 3m de profundidade e a 400m da praia.



Após a explanação do guia, foi feita a troca dos grupos. O grupo que veio no barco voltou no buggy e o grupo que veio no buggy voltou no barco. Todos

experimentaram a aventura completa, com banho de rio e esquibunda nas dunas, mas afortunados foram os que retornaram de barco, vendo o sol se pôr enquanto navegavam pelo rio e viam as pequenas canoas com velas quadradas dos pescadores da região singrando o rio lentamente.

Quem retornou do barco ainda teve que aguardar cerca de 40 minutos pelos que voltaram de buggy. Houve um apagão na cidade e inclusive os celulares ficaram sem funcionar por conta da desativação das torres de telefonia. Por conta da falta de comunicação temporária, os grupos se desconstruíram. Os que vieram no barco ficaram no porto de Piaçabuçu, enquanto os que vieram de buggy ficaram na sede da empresa de turismo, distante uns 3 quilômetros.

Solucionado o problema do desencontro, encerramos o dia estreitando amizade com os donos da empresa de turismo que nos atendeu, todos da mesma família: pai, mãe, filhas e genro. Fim do apagão e retornamos de van para a pousada.

## Dia 11 – 22 de março Pontal do Peba – Lagoa do Pau

Quatro, cinco, seis. O destino do décimo primeiro dia da cicloturagem estava definido: Lagoa do Pau, uns 55 quilômetros distante de Pontal do Peba.

Cumprimos o ritual de sempre e partiu... Aquele bando de cangaceiros pós-modernos mais uma vez perfilavam com seus “cavalos” de duas rodas pela praia naquele 22 de março. Notamos que aquele pedaço inicial do litoral de Alagoas era bem mais sujo que o de Sergipe. Vimos muito lixo na praia e várias tartarugas mortas. Os sítios de coqueiros pareciam maiores e mais densos. Pela baixa altura, nos pareceu que os coqueiros foram plantados a não muito tempo.



Em algum momento percebemos que a cor do mar estava diferente. Mais azul do que o que víamos até então. No horizonte, o azul do mar era bem mais intenso que o azul do céu. Não há cor azul igual ao do mar de Alagoas.

Passamos pelo trecho onde a praia era mais suja e chegamos a um local de águas límpidas, cristalinas. O mar se mostrava em três cores: azul intenso próximo à linha no horizonte, azul esverdeado mais perto da costa e verde clarinho no ponto em que as águas transparentes tocavam os pneus de nossas bicicletas. Passamos pelo esqueleto de um barco encalhado e paramos para um tibum e fotos. A temperatura da água parecia mais alta e ficamos ali em banho-maria por um bom tempo.



Antes de nossa partida rumo à Lagoa do Pau, recebemos o convite inusitado de uma menina de uns 10 ou 11 anos que por ali estava com sua mãe fazendo o que parecia ser um piquenique. Junto com ela, uma bola de futebol. Ela queria brincar de futebol conosco e então formamos uma rodinha para trocar passes e fazer embaixadinhas. Além de divertido, o momento ficou marcado pelo sorriso de satisfação da garotinha que ousou nos convidar para jogar bola.



Num trecho mais adiante, perto de Meaí de Cima, encontramos um grupo de pescadores puxando uma rede de arrastão. Não tivemos dúvida. Paramos as bicicletas e fomos lá ajudar a puxar a imensa rede de pesca. Esperamos para ver os resultados do esforço. Bem, digamos que a quantidade de peixes trazida na rede não foi lá a esperada, mas valeu a experiência. Ajudamos os pescadores a cobrir os peixes com folhas de bananeira, até que fossem recolhidos num momento seguinte, talvez para serem vendidos em alguma feira. Tiramos fotos com o maior peixe pescado, uma cavala de uns 80 cm.



Em Meaí de Cima, paramos na Peixada da Anália, um pequeno restaurante onde nos fartamos de refrigerante. Para a felicidade do nosso

companheiro admirador da Pepsi-Cola, conseguimos encontrar uma embalagem de 2 L pra lá de gelada.



Do restaurante seguimos por uma pequena trilha até a AL 101, onde pedalamos pelo acostamento em fila indiana até Coruripe. Na entrada da cidade descemos uma ladeira bem grande e íngreme. Passamos um susto quando nossa colega, que já havia tido problema com o joelho, quase sofreu uma queda no fim da descida. Seus braços começaram a se mexer muito rapidamente, fazendo o guidão ir de um lado para o outro sem parar e dando a impressão de que não conseguiria chegar ao fim da ladeira montada na bicicleta. Felizmente, os freios foram acionados de forma correta e o que restou da estória foi só mesmo o grande susto.



Logo após o susto, paramos em um posto de gasolina para nos reabastecer e concertar um pneu furado. Foi quando conhecemos o Chocolate.

Chocolate é um cachorro de tamanho médio, um vira-lata sapeca, alegria dos frentistas do posto. Numa intimidade sem igual, Chocolate nos recebeu com o rabinho chicoteando de um lado para outro, aproximando-se de nós, sem nos incomodar com pulos ou latidos. Só notávamos aquela presença marrom clara nos encarando e nos convidando para afagar seu pelo curto. Ficou colado na gente enquanto trocávamos o pneu da bicicleta e parecia muito interessado em cada movimento que fazíamos. Divertimo-nos com Chocolate e saímos do posto por dentro da pequena cidade de Coruripe e com o óleo diesel que necessitávamos para limpar as bicicletas na parada de logo mais.



Dentro da cidade, pegamos o que talvez tenha sido a ladeira mais íngreme da nossa cicloturagem. Subir a ladeira não foi fácil. Alguns pararam no meio da ladeira para descansar os músculos, antes de continuar a subida. Logo depois, veio a descida recompensar o esforço, com bela vista para o mar, agora bicolor: azul intenso no horizonte e verde escuro na costa.



Pegamos uma estradinha de terra até o Pontal do Coruripe, onde passamos a pedalar bem junto à praia. Esperávamos ver apenas canaviais de um lado e do outro da trilha, mas o que víamos era muita pastagem e gado de um lado, e coqueiros a beira mar. A estradinha era poeirenta e cheia de costelas, deixando nossos pulsos e bumbuns doloridos. Havia também muitos trechos com areia fofa, onde os pneus quase grudavam no chão fazendo-nos cansar mais que o normal. O pelote ia lento e estávamos ficando entediados.

Ao passarmos por um canavial, resolvemos dar uma parada para chupar cana. Colhemos um, dois pés de cana. Com um canivete nosso colega ia descascando e cortando a cana em cada nó para que cada um de nós pudesse roer com vontade.



Voltamos a pedalar e as dificuldades não cessaram. Costelas, areia fofa, poeira, sol a pino e cansaço. Procurávamos qualquer sombra para dar uma paradinha. As garrafinhas de água nunca foram tão utilizadas.

Não demorou muito e a temperatura subiu para o único casal da cicloviagem. Exausta, com pernas e braços muito doloridos e sem saber exatamente quantos quilômetros faltavam até o destino, nossa colega deu um xeque-mate no nosso Diretor de Percurso. Exigiu que ele descobrisse naquele momento a quilometragem que faltava, ao menos até a pista asfaltada. Foram minutos tensos de uma briga que parecia não levar a lugar algum. Ficamos observando a situação espantados e sem nada poder fazer, a não ser alguns discretos e hilários comentários em tom de cochicho, para descontrair aquele momento em que todos estavam tensos.

O tal GPS por vezes é impreciso e nosso Diretor de Percurso, naquele dia específico, não estava sendo feliz na comunicação. Parecíamos perdidos. Súbito, ouvimos um barulho de motor de caminhão e, uns 800 m adiante vimos que se movimentava em uma estrada. Estávamos tão perto e nem sabíamos.

Voltamos à AL 101 e não tardamos a chegar em Lagoa do Pau, nosso destino daquele dia. Outrora existia uma lagoa com uma grande árvore dentro. A árvore morreu e restou o tronco, daí Lagoa do Pau. Hoje em dia nem a lagoa existe mais. Só restou o nome que lembra o fato passado.

Chegamos à pequena cidade descendo pela Rua Enseada dos Caetés até a beira da praia. Paramos em uma barraca e, enquanto a Diretoria de Pousada buscava a melhor opção de estada, o restante do grupo mandou ver na agulha frita e na cerveja.



A decisão pela estada na Pousada Umuarama foi mais que acertada. Um lugar com cabanas muito arrumadinhas, com um amplo restaurante, piscina e um pátio com campo de futebol. Aproveitamos bastante a piscina, relaxando os músculos triturados pelo esforço e pelas dificuldades do trajeto.

Conhecemos ali uma garotinha muito simpática, vinda de Piranhas, que estava hospedada com o pai e a mãe. Ela ficou impressionada quando soube que estávamos viajando de bicicleta até Maceió, e nós ficamos impressionados por saber que o que motivou a hospedagem dela fora a doença da mãe, que havia sido operada no hospital da região e estava em recuperação na pousada.

A “equipe da lavanderia” ficaria de folga. Chegaríamos em Maceió no dia seguinte e não havia necessidade de lavar mais as roupas. Ficou a cargo de cada um lavar a roupa que achasse necessária.

Por sua vez, a “equipe das bicicletas” ganhou reforço providencial. Naquele fim de tarde, todos ajudaram na lavagem das bicicletas no pátio junto ao campo de futebol.

Terminamos o dia encomendando pizzas e refrigerantes para comer no restaurante da pousada.



## Dia 12 – 23 de março Lagoa do Pau - Maceió

Cinco, seis, sete. O destino final da cicloturagem seria alcançado em um belo dia de sol e calor. Lagoa do Pau fica a cerca de 90 quilômetros de Maceió. Iríamos sempre pelo acostamento da AL 101. Naquele trecho, entre a origem e o nosso destino, a estrada com asfalto bem conservado beira o mar bicolor, as vezes tricolor, de Alagoas.

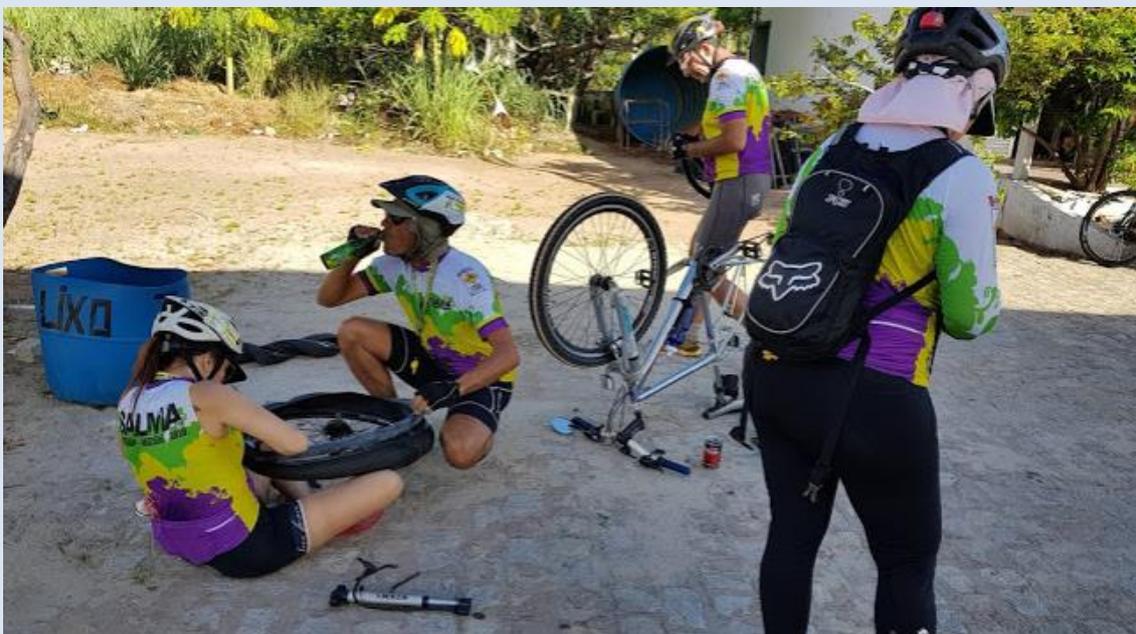
Cumprimos o ritual de sempre e, antes da partida, vimos que o pneu de uma das bicicletas estava vazio. Minutos a mais para a troca da câmara de ar furada e... partiu!



Pegamos o acostamento da estrada e iniciamos nossa jornada imprimindo uma velocidade condizente com as condições do tempo e da pista. Íamos rápidos e um pouco mais atentos ao fluxo dos veículos. Notamos que a velocidade dos caminhões e automóveis que passavam por nós era muito mais alta do que os 80 Km indicados nas placas. Pareciam foguetes zunindo forte e empurrando o vento quente que pressionavam adiante de suas carrocerias em nossa direção. Por vezes sentíamos até o deslocamento para a lateral que o ar nos causava.



Por algum motivo inexplicável, aquele último dia estava reservado às rodas de nossas bicicletas. Já havíamos trocado uma câmara de ar furada na partida da pousada e passamos a notar uma bicicleta com um calombo na roda traseira. Tivemos que trocar o pneu, que havia rompido na lateral próxima ao aro. Até o fim do dia, teríamos ainda mais dois pneus furados pra consertar.



Nas subidas, voltamos a conviver com a situação de atraso dos mais lentos. Vez por outra, era necessário que o grupo da frente parasse para esperar. Estávamos já tão acostumados com a situação, que isso não era mais motivo para qualquer tipo de estresse.



Também comentávamos sobre a beleza das paisagens à nossa direita, justamente onde havia os coqueiros, as árvores mais frondosas e o mar azul ao fundo.

– Parece uma pintura, exclamava um.

– Parece um cartão postal, exclamava outro.

Os últimos momentos da nossa ciclovagem foram de reverência profunda à natureza daquele lugar cravado no litoral nordeste de Pindorama e que, por conter muitas lagoas, foi chamado de Alagoas, como que o “A” - primeira letra do nome – formasse uma figura de linguagem que exprime admiração: Ah lagoas...



Nessa toada, chegamos ao mirante da praia do Gunga, no alto de uma escarpa que beira a orla. O dia havia ficado nublado e foi entre nuvens que vimos a paisagem estonteante que apresenta a foz do rio São Miguel, com suas ilhotas fluviais e coqueiros, e o mar, com seus arrecifes que transformam uma extensa faixa da praia em piscina natural. Ficamos ali por uns momentos admirando a paisagem e recarregando as energias com água e refrigerantes.



Saímos do mirante descendo a escarpa pela mesma estrada que viemos de Lagoa do Pau. Atravessamos a ponte sobre o rio São Miguel em direção à Barra de São Miguel e, novamente, precisamos parar nosso movimento. Mais uma câmara de ar furada por causa de uma limalha de ferro que provavelmente escapou do pneu velho de um veículo qualquer. Estávamos a menos de 40 quilômetros do nosso destino final.



Entramos na Barra de São Miguel para um tiburão nas águas quentes e rasas da faixa de mar represada pelos arrecifes de coral. Estacionamos as bicicletas em uma das inúmeras barraquinhas do lugar e logo pedimos uma porção de peixe frito pra comer tomando cerveja. Mergulhamos nas águas límpidas da praia com a maré alta, o que não nos permitiu ir até os arrecifes para admirar a paisagem de um ponto mais privilegiado. Foi a derradeira parada do grupo antes de chegar a Maceió.



Sáímos de bicicleta por dentro da cidadezinha da Barra de São Miguel. Ruas de asfalto misturadas com ruas de paralelepípedos num traçado sem nexos, típico de vilas que, sem planejamento, se transformaram em cidades. Passamos sobre o Niquim, onde banhistas se divertiam nas águas escuras e doces do rio que um pouco mais adiante desemboca no mar.

Pegamos novamente a AL 101, e passamos por várias barraquinhas de frutas e outros gêneros alimentícios espalhadas bem próximas ao acostamento. Passamos pelas entradas de Marechal Deodoro e da Praia do Francês e entramos em Maceió por volta das 16h do dia 23 de março de 2018.



Atravessamos uma ponte e desembocamos no Pontal da Barra onde pegamos a ciclovia que margeia a orla da capital alagoana. Fomos pela Praia da

Avenida, passando pelo Museu da República, por onde demos uma circulada. Entramos na Pajuçara, passamos pela feirinha de artesanato e chegamos ao que consideramos o ponto final da viagem: a escultura colorida de “EU AMO MACEIÓ”.



Ali, naquela escultura, nós descemos de nossas bicicletas e nos abraçamos, comemorando o feito. SALMA estava “dominado”. Alguns de nós com os olhos marejados de emoção sequer conseguiam falar. Tiramos fotos e voltamos às nossas bicicletas para um passeio pela orla.

Nosso Diretor de Percurso meio que se perdeu em alguma contemplação, porque esqueceu que a viagem havia chegado ao fim e insistia em nos conduzir avançando pela orla. Passamos por Sete Coqueiros, Jatiúca, até a estátua de Ganga Zumba em Cruz das Almas, quando tivemos que avisá-lo que havia um hotel nos esperando e que ele provavelmente teria ficado bem pra trás. Nosso Diretor de Percurso nos disse que estava procurando um ponto mais pitoresco de Maceió para as despedidas, mas que não estava encontrando, daí ter seguido tão adiante pela orla.



Descemos das bicicletas bem em frente ao monumento a Ganga Zumba, ou grande filho do Senhor, que foi o primeiro líder do Quilombo dos Palmares, antecessor do sobrinho mais famoso: o Zumbi. Tiramos fotos com os dedos mostrando quantas ciclovias cada um do grupo havia feito e novamente nos abraçamos e nos cumprimentamos.



Na ida para o hotel, paramos na Tapiocaria Maria Bonita para comer a melhor tapioca do mundo, feita com goma caseira e coco ralado na hora. Dali nos dispersamos. Nos despedimos de quem não ficaria no hotel com o sorriso e o orgulho de vencedores. Os cangaceiros pós-modernos encerraram a aventura com desejo de realizar muitas outras.



Comemoramos o feito tomando chopp num bar bem em frente ao hotel, muito bem acompanhados pelos primos queridos do diretor da Diretoria do Diário.



## Os números da cicloviagem

Foram 682 quilômetros desde a nossa saída de Salvador, com sinal de celular em praticamente todos os pontos pelos quais passamos, além disso, foram 13 câmaras de ar furadas ou estouradas, 2 pneus perdidos, um freio a disco cristalizado, um aro com raios frouxos e um raio quebrado, uma ou duas correntes que se soltaram das engrenagens, um joelho que precisou de cuidados especiais, um tombinho da bicicleta que não causou sequer um machucado, centenas de refrigerantes, dezenas de águas com gás, ao menos uma dezena de garrações de água mineral, alguns quilos de protetor solar, muitos gramas de protetor labial, muita cerveja, muita caipirinha, farta alimentação a base de frutos do mar, montanhas de fotografias e nove almas lavadas. Foram estes os fatos que se sucederam e os números da aventura que fizemos, e quem quiser que conte outros...

Escrito por: Sérgio Farias de Albuquerque

Revisado por: Mymi Leite

Fotografias feitas pelos participantes da cicloviagem

Brasília 25 de agosto de 2018